

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA – UNIVERSO  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
CURSO DE MESTRADO

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA

“A VIDA SOCIAL E FAMILIAR DO OPERARIADO TÊXTIL, CATAGUASES –  
SÉCULO XX”.

Niterói  
2009

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA

“A VIDA SOCIAL E FAMILIAR DO OPERARIADO TÊXTIL, CATAGUASES –  
SÉCULO XX”.

Dissertação apresentada ao Curso de  
Mestrado do Programa de Pós-Graduação  
em História, da Universidade Salgado de  
Oliveira – UNIVERSO Campus Niterói,  
como parte dos requisitos para a obtenção  
do título de Mestre em História

Orientador: Prof. Dr. Jorge Prata de Sousa

Niterói  
2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universo  
Campus Niterói

S586v Silva, Claudia Cristina da.

“A vida social e familiar do operariado têxtil,  
Cataguases – Século XX” / Claudia Cristina da  
Silva.- Niterói, 2010.

111p. il.

Bibliografia: p. 221-236.

Dissertação apresentada para obtenção do  
Grau de Mestre em História do Brasil - Universidade  
Salgado de Oliveira, 2010.

Orientador: Dsc. Maurício Barreto Alvarez  
Parada.

1. Trabalhadores têxteis - Minas Gerais - História.  
2. Indústria têxtil - Cataguases (MG). 3. Zona da  
Mata (MG : Mesorregião) 4. Classe operária -  
Cultura - Brasil. I. Título.

CDD 331.7677

Bibliotecária: Elizabeth Franco Martins CRB 7/4990

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA

“A VIDA SOCIAL E FAMILIAR DO OPERARIADO TÊXTIL, CATAGUASES –  
SÉCULO XX”.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do  
Programa de Pós-Graduação em História, Área de  
Concentração História Social e Política do Brasil,  
da Universidade Salgado de Oliveira –  
UNIVERSO, como parte dos requisitos para  
conclusão do Curso.

Aprovada em 26 de agosto de 2009 pela banca examinadora composta pelos seguintes  
professores:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Cezar Teixeira Honorato

---

Prof. Maurício Barreto Alvarez Parada

---

Prof. Dr. Jorge Luiz Prata de Sousa – Orientador

---

## Agradecimento

Agradeço primeiramente a DEUS, um ser maior, em quem confio, tenho fé e acredito que através desta fé é que pude concretizar e vencer mais uma etapa em minha vida.

Dirijo-me então ao meu orientador, professor Dr. Jorge Luiz Prata de Sousa, que por tantas vezes ouviu minhas indagações com toda tranqüilidade e paciência. Mas que colocava desafios a minha frente e me ensinou como vencê-los. A você professor, o meu total agradecimento.

Aos professores que tive ao longo de meus estudos, que tanto contribuíram para minha formação e à companheira, lutadora e vencedora Ivonete Aparecida da Silva Motta que muito me apoiou na escolha por fazer o curso de história.

Aos amigos que direta ou indiretamente foram instrumentos de apoio e direcionavam-me nas informações e documentações que tinham acesso.

A amiga de caminhada, Silvana Fanni, que sempre me ouviu quando mais precisava.

Ao colega de trabalho, Hermínio Sexto, e a colaboradores do Instituto Francisca de Souza Peixoto que se mostraram prontos a me auxiliar no que precisei, dentro de documentação, fotos e formatação deste trabalho.

À colega de magistério e também professora, Ângela Pimenta, que abriu caminhos para que eu chegasse a mais esta conquista.

Aos colegas do mestrado a quem fiz amizade, não me esquecendo da companheira Cláudia Figueira que me deu a mão no primeiro instante e nunca me abandonou. O muito obrigado!

Sem ressalvas, agradecer à família, Bernadete, Hudson e Marco Antônio que nunca me abandonaram abrindo as portas para que eu sentisse como estando em minha própria casa. Nunca poderei esquecer sua disponibilidade!

A João Guilherme e Altina, meus pais e ao Júnior, meu irmão inseparável, que sempre me apoiaram sabendo entender minhas ausências.

Ao meu filho, Emmanuel, que por várias vezes não estive presente, mas entendeu a necessidade e soube me apoiar.

A todos com quem trabalhei nas escolas, que direta ou indiretamente atenderam minhas necessidades mudando horários, entendendo minhas faltas e assumindo comigo um compromisso que era só meu.

A todos uma só palavra não bastaria para expressar toda a minha gratidão, mas, mesmo assim: obrigada.

Aos meus pais, João e Altina;  
ao meu irmão João Guilherme;  
aos meus filhos, Emmanuel  
e Pedro Guilherme (in memória).

## Resumo

Este trabalho aborda questões ligadas ao mundo do trabalho fabril têxtil procurando mostrar uma “cultura operária” que ao longo dos anos foi construída de operário a operário com graus de parentesco distinto. O estudo enfoca a região mineira da Zona da Mata no final do século XIX, quando a região despontava como uma região em franco progresso agrícola, comercial e industrial, cujo desenvolvimento subsequente, foi possível com a nova cultura trazida pelas máquinas industriais e aos poucos, foi se mantendo como mola propulsora da nova economia. Acreditamos que este processo tenha se evoluído pela necessidade de um novo mercado de trabalho qualificando uma mão-de-obra operária. O estudo desta cultura pode ser demonstrado através do recurso da oralidade; entrevistas feitas a muitos ex-operários que ainda estão vivos na região estudada, Cataguases – Minas Gerais. Neste trabalho procuramos apresentar algumas evidências que favorecem as hipóteses lançadas no decorrer da pesquisa sobre a vida social e cultural de ex-operários têxteis.

**PALAVRAS CHAVE:** Cultura Operária, Operário Têxtil, Zona da Mata Mineira.



## **Abstract**

This work approaches on questions to the world of the textile manufacturer work looking for to show a “laboring culture” that throughout the years was constructed of laborer the laborer with distinct degrees of kindred. The study it focuses the mining region of the Zone of Mata in the end of century XIX, when the region blunted as a region in frank agricultural progress, commercial and industrial, whose subsequent development, was possible with the new culture brought for the industrial machines and to the few, it was if keeping as propeller spring of the new economy. We believe that this process if has evolved for the necessity of a new market of work characterizing a laboring man power. The study of this culture it can be demonstrated through the resource of the orality; done interviews to many former-laborers who still are livings creature in the studied region, Cataguases - Minas Gerais. In this work we look for to present some evidences that favor the hypotheses launched in elapsing of the research on the social and cultural life of têtexis former-laborers.

**KEY WORDS:** worker culture, Zona da Mata Mineira, worker textile

## **Anexos**

- 1- Mapa e esboço urbano de Cataguases em 1878.
- 2- Foto da Avenida Astolfo Dutra em Cataguases.
- 3- Duas fotos da Rua X atrás da Igreja Matriz em Cataguases.
- 4- Duas fotos das bombas, a casa dos filtros e a instalação dos filtros.
- 5- Foto da Ponte sobre o Rio Pomba no Município de Vista Alegre.
- 6- Duas fotos da Ponte sobre o Rio Pomba em Cataguases.
- 7- Foto da Estrada que liga Cataguases a Mirai.
- 8- Foto da Ponte sobre o Rio Pomba no Município Porto de Santo Antônio.
- 9- Relação de alguns acionistas de Cataguases.
- 10- Foto de inauguração da primeira fábrica de tecidos de Cataguases – Indústrias Irmãos Peixoto.
- 11- Foto do equipamento Tear de Lançadeira.
- 12- Lista de identificação dos depoentes.
- 13- Carta de Cessão de Direito para entrevista.
- 14- Ficha de cadastro para entrevista.
- 15- Ficha para catalogação de fotografias das entrevistas.
- 16- Ficha de transcrição dos depoimentos das entrevistas.
- 17- Foto com alguns participantes do Primeiro Encontro dos Moradores do Bairro Jardim de Cataguases.
- 18- Três fotos do mural apresentado no Primeiro Encontro dos Moradores do Bairro Jardim de Cataguases.
- 19- Foto dos entrevistados no Primeiro Encontro dos Moradores do Bairro Jardim de Cataguases.
- 20- Certidão de nascimento para fins de trabalho.
- 21- Certidão de nascimento para fins escolares.
- 22- Foto da Carteira de Trabalho do ex-operário e contramestre, Edgard Mendes da Silva.
- 23- Documento original de autorização de pais para filhos trabalharem nas indústrias.
- 24- Documento original de agradecimento pelo funeral da menor Isolita.
- 25- Foto da Banda Musical dos operários de Cataguases.
- 26- Documento original da eleição da Operária Padrão, Terezinha Campos Lessa, em 1973.
- 27- Foto de vários Operários Padrão reunidos em Belo Horizonte para receber premiação.

28- Três fotos de Terezinha Campos Lessa recebendo sua premiação de Operária Padrão em Cataguases.

29- Foto de Haydee Marques, segunda Operária Padrão de Cataguases, recebendo sua premiação.

## **Lista de Gráficos, Tabelas e Quadros**

- 1- Quadro 1: Dados comparativos da população do Município de Cataguases.
- 2- Quadro 2: Relação de Teares por anos, 1905-1929.
- 3- Quadro 3: Habilidades profissionais dos pais dos entrevistados.
- 4- Quadro 4: Relação dos dez maiores municípios industriais pelo valor da produção em 1907.
- 5- Quadro 5: Análise de fichas por advertências e suspensão dos operários de Cataguases.
- 6- Gráfico 1: Percentual das mulheres viúvas entrevistadas e citadas nas entrevistas.
- 7- Quadro 6: Porcentagem dos operários de menor idade da Indústria Irmãos Peixoto, nas décadas de 1098 a 1984.

## **Lista de Fotos**

- 1- Vila Operária da Cia. Industrial de Cataguases (Bairro Jardim), década de 1940.
- 2- Vila Operária da Cia. Industrial de Cataguases (Bairro Jardim), década de 1960.
- 3- Vila Operária da Cia. Mineira de Papéis (Rua Fernando Peixoto), ano de 2008.

**"Não fiz o melhor, mas tudo para que o melhor fosse feito.  
Não sou o que deveria ser, mas não sou o que era antes"**

Martin Luther King, ativista político (1929-1968).

# SUMÁRIO

Agradecimento.....	V
Resumo.....	VIII
Abstrat.....	IX
Anexos.....	X
Lista de gráficos, tabelas e quadro.....	XII
Lista de fotos.....	XIII
Epígrafe.....	XIV
Introdução.....	16
1 - A indústria renovando as atividades econômicas.	
1.1- O processo industrial no Brasil.....	19
1.2- Cataguases – Região da Zona da Mata Mineira.....	21
1.3- Surgimento da Indústria têxtil em Cataguases.....	28
2 – A metodologia presente na história	
2.1- Memória e Oralidade.....	36
2.2- Como e porque trabalhar memória e oralidade? .....	39
3 - Cultura Operária de Cataguases	
3.1- Mudanças no cotidiano do trabalhador rural ao se tornar operário – novos hábitos adquiridos pela necessidade de sobrevivência.....	44
3.2- Disciplina no ambiente de trabalho.....	50
3.3- O trabalho como forma de dignificar o ser humano.....	53
3.4- O valor das amizades.....	56
3.5- A viuvez e a moralidade.....	58
3.6 - A menoridade do operariado têxtil.....	59
3.7- Comemorações e festividades na indústria.....	64
Conclusão.....	68
Fontes	
Publicações de recenseamento.....	106
Monografias e dissertações.....	106
Processos.....	107
Sites, jornal e outras fontes.....	107
Bibliografia.....	108

## Introdução

O presente trabalho pretende abordar a cultura operária têxtil em Cataguases, cidade do interior do Sudeste de Minas Gerais, situada na zona da Mata Mineira, que teve seu desenvolvimento marcado por atividades econômicas como a mineração, agricultura e pecuária junto à subsistência ligada a um mercado interno, produção cafeeira, de algodão, abertura de ferrovias e estradas para automóveis.

Essa pesquisa busca mostrar que Cataguases, cidade da região da zona da Mata Mineira, esteve presente na história do desenvolvimento industrial no início do século XX e que através das transformações estruturais que a indústria proporcionou, podemos perceber a forte presença de uma “*cultura operária*”, ou seja, aquilo que chamamos de uma mudança na estrutura da rotina diária dos novos operários. Assim, o cotidiano da cidade de Cataguases sofre alterações na rotina agrária e comercial que predominava. A relevância de tais conhecimentos culturais vêm se destacar nesta pesquisa como objetivo principal valorizando a importância da indústria para o crescimento da região e ao mesmo tempo mostrando que a população se adaptava pouco a pouco construindo uma nova sociedade além do seio familiar. Então a indústria passa a ser um local de trabalho muito distante daquele do campo, onde existia uma disciplina, comportamento e aprendizagem diferenciados.

Para chegar a estas definições que chamo de cultura operária foram realizadas entrevistas (método de História Oral) com ex-operários (as) e através delas foi possível recuperar a memória social coletiva dos protagonistas desta história. A opção em trabalhar com oralidade está ligada ao trabalho que desenvolvo junto ao CDH, Centro de Documentação Histórica de Cataguases, que funciona no Instituto Francisca de Souza Peixoto, sob a coordenação do Dr. Prof. Jorge Luiz Prata de Sousa, onde estão arquivados processos civis e criminais abordando vários assuntos, inclusive processos envolvendo operários das indústrias têxteis de Cataguases. Os registros orais e a vasta documentação escrita, sobretudo as fichas de admissão e demissão dos operários foram as fontes priorizadas.

No primeiro capítulo “*O processo industrial no Brasil*”, procuramos estabelecer um parâmetro entre a Industrialização em São Paulo, Rio de Janeiro e outros grandes centros industriais tentando elucidar as variáveis que possibilitaram o processo de industrialização dos grandes centros e compará-los ao diminuto processo de industrialização ocorrido em Cataguases. Nele mostramos a historiografia brasileira ressaltando a importância do desenvolvimento industrial de São Paulo, fortalecendo sua economia de mercado comercial e



industrial. São Paulo que vinha se desenvolvendo com uma economia agro-exportadora ligada ao plantio do café no Brasil investe parte de seus lucros na aquisição de máquinas para o desenvolvimento de atividades industriais e manufatureiras.

Neste capítulo não aprofundei a questão da industrialização em São Paulo apenas tomei o processo de industrialização considerado clássico como parâmetro. Exponho o perfil da cidade demonstrando como algumas variáveis existentes em São Paulo, também se apresentaram em Cataguases, tais como: mão-de-obra disponível, uma pequena leva de imigrantes e investimentos deslocados da produção cafeeira empregados nos negócios da indústria têxtil.

No segundo capítulo, “*Memória e Oralidade*”, a ênfase está na metodologia, onde usei a oralidade para apropriar-me da identidade construída por vários ex-operários (as). No decorrer deste capítulo me dediquei em trabalhar a memória apoiada na oralidade servindo-me da organização dos fatos rememorados valorizando a história social.

No capítulo três a intenção expressa por nossa pesquisa é dialogar com autores lidos interligando-os às informações adquiridas com as entrevistas. Além deste entreposto de idéias venho mostrar a contribuição historiográfica que o estudo a respeito da vida social, familiar e cultural do operariado têxtil de Cataguases pode contribuir com o conhecimento da História. Essa estrutura fabril têxtil esteve presente por muito tempo, até que se formaram os primeiros grupos de operários mais instruídos profissionalmente e alfabetizados, visto que muitos começaram no trabalho industrial logo após sua saída do campo. Portanto, não tinham o conhecimento adequado para enfrentarem o tipo de serviço que executavam, ou melhor, não tinham qualificação especializada.

Fechamos o terceiro capítulo expondo as informações provenientes dos jornais, fichas de admissão e demissão do operariado, processos civis e criminais, dados estatísticos do IBGE, lista de acionistas, sem contar os dados colhidos nas entrevistas que podemos valorizar como sendo parte importantíssima do desenrolar do nosso objetivo. Essas fontes foram de grande valia para várias concepções presentes em nossa pesquisa, tornando-se elementos fundamentais na conclusão das questões referentes ao nosso objetivo, mostrar uma “cultura operária” que existe até os dias atuais, porque a cidade ainda tem boa parte de seu desenvolvimento sócio-econômico ligado aos investimentos industriais.

O que ficou constatado com esta pesquisa não vem esgotar o conhecimento da cultura operária, mas poderá seguir novos caminhos para direcionar e chegar a servir não só como diagnóstico de uma fase, mas um subsídio, um degrau para posteriores estudos que possam vir trazer um pouco mais de luz sobre a industrialização em Cataguases, seja em função de sua

sociedade ou de sua economia. Nosso trabalho sob o enfoque regional, consiste em respeitar as especificidades locais, buscando um maior entendimento dos fatos históricos encontrados nos estudos de caso.

## Capítulo I

### **A indústria renovando as atividades econômicas**

#### **1.1 - O processo industrial no Brasil.**

A industrialização brasileira tem seus estudos direcionados às cidades do Rio de Janeiro e, principalmente, São Paulo. Outras localidades no Brasil também tiveram participação no processo de desenvolvimento industrial, muito embora, a historiografia tenha privilegiado quase exclusivamente São Paulo como objeto de estudo, tendo sido ressaltada sua importância como o núcleo mais desenvolvido industrialmente. Dentre as explicações destaca-se o fato de São Paulo ter atraído um contingente de mão-de-obra estrangeira expressiva aliada a uma conjuntura de produção cafeeira e ao desenvolvimento de uma forte economia de mercado. Esses fatores, mão-de-obra imigrante, diversidade de serviços e atividades de comércio e, sobretudo, uma diversificação na produção industrial, deu a São Paulo, a primazia dos estudos econômicos e sociais.

Segundo Suzigan<sup>1</sup>, a história da instalação da indústria no Brasil inicia-se no período de transição da economia agro exportadora para a economia industrial, cujo período está intrinsecamente ligado à expansão cafeeira no Brasil. Sérgio Silva<sup>2</sup> nos mostra que o café produzido no Brasil e exportado desde a década de 1840, a partir da segunda metade do século XIX, passou por importantes transformações, melhoramento das técnicas de plantio, do beneficiamento e do transporte tentando minimizar uma oscilação de preços (para menos) que já se anunciava. O investimento mais pesado era no primeiro ano em que as mudas precisavam ser bem cuidadas porque estavam em formação, do quinto ao décimo terceiro ano o fazendeiro poderia esperar algum lucro. Estes lucros eram reinvestidos em novas plantações. O preço desfavorável do café de 1890 até 1895 retardou novos investimentos. Após cinco anos “o número de cafeeiros aumentou de 300.000.000 para 660.000.000, absorvendo quase todos os lucros dos fazendeiros”<sup>3</sup>. De 1900 a 1906, volta a cair o preço do café e a partir de então, com o início da primeira Guerra Mundial os cafeicultores voltam a lucrar muito, mas foram barrados de formar novas fazendas pela lei estadual que procurava limitar a oferta. De 1905 a 1915, grande parte dos lucros se reverteu para empresas de outra

---

<sup>1</sup> SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira: Origem e Desenvolvimento*, Editora Hucetec – Editora da Unicamp, 2000.

<sup>2</sup> SILVA, Sérgio, *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*, Editora Alfa Omega, São Paulo, 1976.

<sup>3</sup> DEAN Warren, *A Industrialização em São Paulo*, Capítulo III – Origens Sociais: a burguesia rural, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971, p. 51.

natureza, particularmente para as atividades industriais ou manufatureiras de tecnologia mais complexa.<sup>4</sup> Este foi o período de substituição do trabalho escravo para o trabalho livre e assalariado. Conseqüentemente, foi o momento de desenvolvimento do mercado de serviços, intenso processo de comercialização de bens, expansão das estradas de ferro e da implantação das primeiras indústrias.

Em 1852, o presidente da província de São Paulo enumera cinco fábricas: uma de fiação de algodão em Sorocaba, um usina de potassa em Bananal, uma fundição, uma fábrica de vidros e uma fábrica de velas<sup>5</sup>. A indústria de fiação e tecelagem de algodão foi implantada pela procura do produto no exterior. Lavradores que haviam plantado algodão investiram parte de seus lucros em maquinários têxteis prevendo um retorno econômico propiciado pelo desenvolvimento do mercado mundial. Foi neste ímpio de desenvolvimento que na década de 1860, já existia no Brasil uma classe de capitalista bastante rica para aproveitar as condições favoráveis do mercado internacional. O censo de 1872 enumerou como capitalistas e proprietários a soma de 37.491 pessoas<sup>6</sup>.

Com o crescimento da produção cafeeira entre as décadas de 1870 e 1880, São Paulo ultrapassa a produção das plantações do vale do Paraíba fluminense. Em 1852, o Rio de Janeiro era responsável por 92% das exportações do café, em 1872 ainda dominava a produção cafeeira brasileira com 81%. Porém, na década de 70 a província fluminense perdeu a liderança para São Paulo que passou a ser o grande responsável pela expansão cafeeira.<sup>7</sup>

Quando o café passa a ser a mola propulsora na economia brasileira, os proprietários de São Paulo que não tinham dinheiro para crédito, passam a ter um volume maior de moeda em circulação e se beneficiam da abertura de crédito bancário. O excedente da produção cafeeira propiciou uma economia monetária, um sistema financeiro e comercial, cuja produção cafeeira atingia milhões de sacas desenvolvendo um sistema de produção comercial relativamente avançado, formado por casas de exportação e uma rede bancária.

Ao analisarmos o levantamento de Bandeira Júnior sobre o número de indústrias no estado de São Paulo e o do ano de 1907, realizado pelo Centro Industrial do Rio de Janeiro chega-se ao número de 326 firmas com mais de 24.000 operários.<sup>8</sup> Nenhum dos levantamentos empreendidos foi completo. O recenseamento de 1920, o melhor censo

---

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> DEAN, Warren, *A Industrialização de São Paulo*, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971, p.19.

<sup>6</sup> Recenseamentos Gerais do Brasil no século XIX – 1872 e 1890 – Quadro n.7, item 19: “Índice de População em relação à profissão”. CR-DOM.

<sup>7</sup> DEAN, Warren, op.cit., pág. 9.

<sup>8</sup> JÚNIOR, Antônio Francisco Bandeira, *A indústria de São Paulo em 1901*, Centro Industrial do Brasil, Comissão D’Expansão Econômica do Brasil, O Brasil, vol. III.

realizado até então, contou 293 firmas no período de 1850 a 1900. A única fábrica movida a vapor era a fábrica de chapéus de A. Schritzmayer, fundada antes de 1870. Foi em 1920 que o Centro Industrial mais importante do Brasil foi transferido do Rio de Janeiro para São Paulo. Em 1940 o Estado possuía a maior aglomeração de capacidade manufatureira de toda a América Latina<sup>9</sup>.

## 1.2 - Cataguases – Região da Zona da Mata Mineira

O arraial foi fundado pelo Coronel Marliere, sendo elevado à categoria de curato pela Lei provincial nº 209, de 7 de abril de 1841. Mais tarde passou a distrito e foi denominado de Santa Rita de Meia Pataca, pela Lei nº 534 de 10 de outubro de 1851 da Assembléia Provincial mineira. Em 25 de novembro de 1875 a Lei de nº 2180 da mesma Assembléia criou o Município de Cataguases, com território desmembrado dos de Leopoldina, Muriaé (ex-São Paulo do Muriaé) e Ubá.<sup>10</sup> Foi assim que às margens do Rio Pomba o coronel francês impulsionou a formação de um povoado que se tornaria Vila de Cataguases<sup>11</sup> inaugurada em 7 de setembro de 1877, povoado com influência conservadora e prestígio tradicional.<sup>12</sup>

Cataguases não difere de tantas outras regiões em seu desenvolvimento. Surge com ruas de chão batido, pouco ou nenhum conforto e uma igreja no centro do lugarejo. Mais tarde novas dependências públicas vão surgindo como prefeitura, bancos, delegacia, cemitério, possibilitando inclusive um “surto” de desenvolvimento industrial concomitante aos outros ocorridos nos grandes centros do país.

Município de vida agrária, aos poucos, foi perdendo com o cansaço da terra, a posição que ocupava neste setor agrário, até se transformar, como se transformou, no importante entreposto comercial e industrial.<sup>13</sup> O fato de Cataguases se situar próximo à cidade do Rio de Janeiro fez com que um comércio promissor fosse desenvolvido concomitante à implantação da rede ferroviária em 1874 quando seu primeiro trecho foi aberto de Porto Novo a Volta Grande, e no ano seguinte os trilhos já chegavam a Santa Izabel (Abaíba) e em 1879,

---

<sup>9</sup> DEAN, Warren, *A Industrialização de São Paulo*, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971, p. 20

<sup>10</sup> SILVA, Arthur Vieira de Rezende e, *Genealogia dos fundadores de Cataguases*, Rio de Janeiro, 1934, Editor A. Coelho Branco F. pág. 19.

<sup>11</sup> Anexo 01.

<sup>12</sup> SILVA, Arthur Vieira de Rezende e, *Genealogia dos fundadores de Cataguases*, Rio de Janeiro, 1934, Editor A. Coelho Branco F. pág. 21.

<sup>13</sup> Jornal Cataguases, datado de 28-02-1954.

a estrada já atingia Ubá, passando por Cataguases, e tendo um ramal para a cidade de Leopoldina.<sup>14</sup> A movimentação comercial da região esteve por muitos anos sobre as malhas desta ferrovia, serviram de acesso às localidades que facilitavam a distribuição de manufaturas produzidas na região da Zona da Mata Mineira.

A lavoura cafeeira em meados do século XIX impulsionou o desenvolvimento sócio-econômico da região. Os latifundiários passaram a ter domínio da vida econômica, política e social, fazendo com que surgisse uma nova classe de empresários urbanos, formada pela demanda de produtos de manufaturas: cervejaria, de massas alimentícias, de balas e bombons, de biscoito, de vassoura, de sabão, de baús de folha, assim como sapateiros, latoeiros, alfaiates e uma insipiente indústria em seus primórdios.<sup>15</sup>

Isto fez com que parte do crescimento urbano tivesse como opção de desenvolvimento o setor industrial têxtil. A mão-de-obra que anteriormente era alocada na produção rural ao longo das primeiras décadas do século XX foi atraída pelo progresso da cidade; no comércio, nas pequenas fábricas manufatureiras e no capital industrial que aos poucos foi sendo implantado e incentivado.

A instalação de ferrovias para facilitar o escoamento da produção agrária, o setor industrial sendo implantado provocou o aumento da população urbana e teve como objetivo a busca por melhores condições de vida que em Cataguases pôde ser observada a partir da contagem da população realizada no ano de 1920 por Pedro Dutra Nicacio Neto, onde relatou em um telegrama enviado ao Delegado da XVI Seção, Albino Esteves, em 25 de janeiro de 1921 que o resultado do Município de Cataguases era de 54.164 habitantes<sup>16</sup>, englobando os distritos. A implantação da indústria incentivou melhores condições financeiras às famílias rurais devido ao salário fixo, fosse mensal ou quinzenal. Com o incremento populacional obrigou às autoridades remodelar o espaço urbano, a questão habitacional se tornou um problema urgente a ser resolvido, o saneamento básico de esgoto e fornecimento de água forneceu os temas da política local.

---

<sup>14</sup> Breve História – Companhia Industrial de Cataguases, [www.cataguases.com.br](http://www.cataguases.com.br), acessado em 22 de abril de 2006.

<sup>15</sup> Jornal Cataguases de 09 de maio de 1914.

<sup>16</sup> Livro de Recenseamento Cataguases 1920 por Pedro Dutra Nicacio Neto transcrito por sua esposa Flávia Fernandes Dutra, CDH-Centro de Documentação Histórica de Cataguases.

## Quadro 01

### Dados comparativos da população do Município de Cataguases

Localidade	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1920
Cataguases	43.226	43.874	44.532	45.200	45.878	46.566	49.718

Fonte: CD-Rom Estatísticas do Século XX – IBGE, população do Brasil por Municípios e Estados (1907-1912), pág. Pop\_1908-12v1-095.

Uma aproximação do desenvolvimento urbano de Cataguases com o ocorrido na mesma época em São Paulo nota-se a necessidade da construção de casas para atender ao operariado, à instalação das indústrias e expansão do comércio. Salles<sup>17</sup> descreve como em São Paulo o planejamento urbano acompanha o desenvolvimento industrial.<sup>18</sup>

Concomitante ao surto industrial em Cataguases o remodelamento da urbe segue os mesmos passos. Já nos finais dos séculos XIX a questão sanitária foi tema constante nos discursos dos políticos de tal forma as epidemias contribuíram por uma mentalidade modernizadora do espaço urbano segundo afirma Alen.<sup>19</sup>

“O ideal de modernização da urbe cataguasense parece ter se iniciado de forma prematura. A reorganização do espaço urbano efetivo a partir da manifestação dos primeiros surtos de febre amarela é uma marca desse processo urbano”<sup>20</sup>.

Foi sob o argumento de combater as epidemias que grassavam na região que comerciantes locais pressionaram políticos e, de acordo com orientação dos médicos locais desenvolveu-se uma política de higiene que incluiu a construção da primeira rede de distribuição de água e recolhimento de esgoto, retificado o curso dos córregos e rios e várias ruas foram calçadas e ao mesmo tempo em que se construíram bueiros para escoar as águas pluviais, foram concluídas as obras do novo cemitério, um novo matadouro foi edificado e ainda o primeiro hospital. A ajuda destes profissionais da área da saúde muito contribuiu para o combate às moléstias que se alastravam em Cataguases e para a infra-estrutura exigida para manter a higiene sanitária da localidade.

<sup>17</sup> SALLES, Iraci Galvão, *Representação do Mundo do Trabalho: São Paulo – 1890/1910*, Revista de História – História e Perspectivas, Uberlândia, Editora UFU, 12/12: 149 jan./dez 1995,

<sup>18</sup> Ibidem. SALLES, Iraci Galvão, *Representação do Mundo do Trabalho: São Paulo – 1890/1910*, Revista de História – História e Perspectivas, Uberlândia, Editora UFU, 12/12: 149 jan./dez 1995.

<sup>19</sup> Alen Batista Henriques, autor de dissertação de Mestrado intitulada “Epidemias e Urbanização: surtos de febre amarela na Cataguases oitocentista”, da UFRJ no ano de 2005.

<sup>20</sup> HENRIQUE, Alen Batista, *Epidemias e urbanização: surtos de febre amarela na Cataguases oitocentista*, tese de mestrado da UFRJ, 2005.

Tudo isto acompanha o dinamismo econômico que enriqueceu fazendeiros e comerciantes, permitindo-lhes a construção de grandes obras públicas e privadas. Afinal a praça comercial que existia em Cataguases, devido ao ponto de parada da linha férrea, não poderia ser afetada pelas moléstias que se alastravam.

Foi neste contexto que já no início do século XX se consolida um política pública de sanitarismo que na década de vinte a cidade pode receber os novos investimentos, tais como vilas operárias, padronizar o arruamento do passeio público, aprovar normas balizando os prédios. Merecem atenção os espaços habitacionais criados em função dos novos empreendimentos têxteis. Os espaços escolhidos para a implantação das vilas operárias quase sempre eram o mais próximo possível das indústrias, para facilitar a locomoção dos operários e atender às necessidades dos patrões. A complementação do espaço entre trabalho e moradia facilitava o deslocamento dos operários quando ainda não tínhamos a facilidade das linhas de ônibus urbano implantadas, o que barateava o custo da mão de obra.

### Foto 01



Rua Francisca de Souza Peixoto, Vila Operária da Cia. Industrial de Cataguases (Bairro Jardim). Em 1943 a construção desta vila operária entregou a primeira etapa de 44 casas prontas. Foto tirada por J. Souza do Rio de Janeiro na década de 1960. Fonte: Arquivo do CDH-Cataguases-MG.



**Foto 02**

Rua Manoel Peixoto Ramos, Centro – Vila Operária da Indústria Irmãos Peixoto de Cataguases – foto de Juliano Carvalho Ferreira, fotógrafo do Instituto Francisca de Souza Peixoto tirada em 15-12-07. Fonte: Arquivo CDH-Cataguases-MG

**Foto 03**

Rua Fernando Peixoto (Pontilhão) – Vila operária da antiga Cia. Mineira de Papéis – foto tirada em 29-06-08 pela autora.

A abertura de indústrias proporcionou não só mais oferta de empregos, mas também um crescimento econômico na cidade e região. Desde as últimas décadas do século XIX até 1930, Cataguases obteve várias benfeitorias capazes de aprimorar o desenvolvimento econômico e social da localidade.

O processo de saneamento básico, o arruamento implantado em Cataguases tão logo iniciava o século XX, a preocupação de autoridades e comerciantes em livrar a cidade e redondeza das epidemias que poderiam ser um obstáculo para um desenvolvimento que surgia de acordo a necessidade e infra-estrutura do lugarejo fez com que Cataguases passasse por um urbanismo e chegasse a uma cidade composta por arquitetura vangloriada a partir da década de 1920 quando o Brasil passava pela Semana da Arte Moderna. Cataguases tinha como modelo de civilidade educar e urbanizar dentro de um contexto histórico que não passou por ruptura, mas teve uma trajetória contínua e permanente.

Na década de vinte, continuando o processo de implantação de uma rede para escoar a produção local, políticos locais se empenham que expandir as estradas vicinais e intermunicipais. Nas disputas políticas locais temos os exemplos que ilustram a expansão da malha rodoviária da cidade e região.<sup>21</sup>

Na década de 20, mais precisamente no ano de 1929, o prefeito Antônio Lobo de Resende aliado do líder regional do Partido Republicano Nacional – PRN – Pedro Dutra Nicácio, sofre uma intensa campanha de seus opositores através do jornal “A Reação”. Neste período a oposição conservadora denuncia o marasmo da administração do prefeito Antônio Lobo e o acusa de abrir estradas para automóveis quando a necessidade local era estrada para carro de boi, alusão à produção de cana-de-açúcar. Ora, a demanda suscitou uma réplica onde a liderança política de Antônio Lobo e Pedro Dutra Nicácio respondem a um processo com fotos de todos os empreendimentos realizados na gestão municipal. Dentre os quais incluem abertura de novas avenidas, novos trechos rodoviários entre cidades, implantação de uma cultura de política pública voltada para o ordenamento urbano. Foram abertas seis grandes trechos de rodovias em direção ao norte de Minas: o trecho Cataguases - Carangola - Teófilo Otoni; trecho entre Cataguases e Palma, entre a cidade do Rio de Janeiro - Porto Novo - Cataguases, um entre Rio Novo - São João - Cataguases; outro trecho entre Cataguases - Porto de Santo Antônio – Piraúba – Pomba e por fim uma rodovia para Juiz de Fora passando por Porto de Santo Antônio - Guarani - Juiz de Fora.<sup>22</sup> Sem contar as estradas de automóveis já em tráfego, como: Cataguases - Muriaé - Astolfo Dutra - Sapé - Ubá. As estradas

---

<sup>21</sup> Processo Crime CAT-1-CR-3918.

<sup>22</sup> Ibidem.

construídas para automóveis convergem para o desenvolvimento da praça comercial, já que Cataguases se encontrava em posição favorável para o escoamento da produção agrícola devido a sua proximidade com o Rio de Janeiro.

No espaço urbano propriamente o prefeito Lobo Filho prestou serviços de nivelamento e calçamento de várias ruas<sup>23</sup>. A atual Avenida Astolfo Dutra<sup>24</sup> anterior às obras era uma área alagadiça que foi nivelada em altura favorável devido às construções existentes constituindo ainda hoje o cartão de visita da cidade. Deve-se ainda à sua administração a reforma completa do serviço de abastecimento de água da cidade com substituição de toda a rede distribuidora e instalação de filtros moderníssimos, da fábrica “Bell Brothers”, de Manchester e construção da Casa das Bombas e instalação delas<sup>25</sup>.

Criou e fez instalar o Horto Florestal de Cataguases, o Posto permanente de Higiene Municipal, a Guarda civil, a criação do Curso Rural e doação ao Estado do terreno necessário para a construção do terceiro Grupo Escolar desta cidade – Grupo Guido Marliere.

Nos distritos construiu três novos reservatórios de água no Porto de Santo Antônio, atual Município de Astolfo Dutra, a reforma completa do serviço de água, nivelamento de ruas, instalação de luz elétrica e construiu uma estrada de automóveis deste distrito até Itamaraty. No distrito de Vista Alegre<sup>26</sup> inaugurou o serviço de abastecimento de água com rede de distribuição, instalação e inauguração de rede elétrica. Equipou ainda a cidade e distritos com novos equipamentos urbanos; a construção de uma nova ponte na cidade de Cataguases<sup>27</sup>, no distrito de Itamaraty restaurou o serviço de água e construiu duas novas pontes na estrada que leva à atual Usina Maurício, gastando o equivalente a R20: 000\$000 reformou a estrada Cataguases-Camargos-Itamaraty, com a construção do trecho Cataguases-Barão de Camargos; conservou uma ponte estadual sobre o Rio Novo. No distrito de Sereno cuidou da estrada Cataguases-Mirai<sup>28</sup>, reformou a estrada que vai de Cataguases ao distrito de Santana. No distrito de Cataguarino ligou por estrada de automóveis o distrito de Mirai chegando até o distrito de Cataguarino. Em Laranjal efetuou a compra do manancial e dos canos para instalação de água potável com rede de distribuição, reformou as estradas para passagem de automóveis e conservou uma ponte estadual sobre o Rio Pomba na estrada Campo Limpo-Laranjal. No distrito de Santana construiu e reconstruiu várias estradas rurais inclusive a que vai de Cataguases à sede do distrito e às divisas de Boa Família e a que vai a

---

<sup>23</sup> Anexo 02.

<sup>24</sup> Anexo 03.

<sup>25</sup> Anexo 04.

<sup>26</sup> Anexo 05.

<sup>27</sup> Anexo 06.

<sup>28</sup> Anexo 07.

Mirai passando pela Fazenda de Joaquim Remígio de Rezende e construiu um prédio para prisões na sede do distrito. Graças à representação do PRN, conseguiu para a região: na sede do distrito do Porto de Santo Antônio a construção de uma ponte<sup>29</sup>; em Sinimbu também sobre o Rio Pomba uma ponte de cimento armado, sendo que esta ponte no concurso sul americano de arquitetura foi classificada em primeiro lugar; a construção de uma ponte de madeira com pregões de pedra e cimento na sede do distrito de Astolfo Dutra sobre o Rio Pomba; a construção de uma ponte na estrada de Laranjal-Campo Limpo de madeira com pregões de pedra; a construção de uma ponte metálica sobre o Rio Chopotó no distrito de Astolfo Dutra; a criação dos grupos escolares Astolfo Dutra e Guido Marliere em Cataguases; a criação e instalação de cerca de cem escolas rurais em todo o município sendo que, para a construção e adaptação de muitos dos prédios rurais a câmara municipal concorreu com somas consideráveis. Estes serviços prestados ao município e seus distritos comprovam o investimento pelo progresso e desenvolvimento de Cataguases por parte dos dirigentes políticos municipais da época e que de certa forma os políticos de oposição tentaram por meio deste processo e das notas expostas no jornal “A Reação” impedir ou desviá-las do curso do desenvolvimento.

Os dados acima fizeram parte do desenvolvimento que beneficiou Cataguases e região, graças às políticas públicas que perceberam a necessidade e investiram de forma proveitosa utilizando o orçamento público.

### **1.3 - Surgimento da Indústria Têxtil em Cataguases**

Ao longo do século XIX e por boa parte do século XX houve uma expansão econômica no Brasil, sobretudo, na região sudeste sustentando uma expansão industrial.<sup>30</sup> Nos primeiros anos da República houve um grande movimento de especulação financeira, chamado de encilhamento; e ganhou força com o fim da forma de trabalho escravo contribuindo para uma transformação de investimentos ligados a uma nova forma de política econômica inaugurando no setor financeiro, agrícola, industrial e comercial as sociedades

---

<sup>29</sup> Anexo 08.

<sup>30</sup> MONTEIRO, Hamilton de Mattos, “*Da República Velha ao Estado Novo*” in *História Geral do Brasil*, Editora Campus, 9ª edição, Rio de Janeiro, 1990, pág. 310.

anônimas<sup>31</sup>. A formação de um sistema financeiro próprio e o crescimento significativo de sociedades anônimas demonstrou por si só a influência econômica da política do encilhamento em Minas Gerais. A contribuição em vários setores econômicos no fim do período imperial e no início do período republicano demonstra que existiram movimentações especulativas no mercado de capitais local.

A proximidade geográfica da Zona da Mata Mineira, em especial a cidade de Cataguases, com a capital federal, exerceu grande influência no desenvolvimento da região mineira. A produção cafeeira da região possibilitou um relacionamento financeiro envolvendo comissários e fazendeiros acompanhando as tendências tomadas pelo avanço do capitalismo no cenário mundial. Os novos rumos da sociedade apontam as classes que emergem e o papel do público/privado para manter uma hegemonia dentro de um contexto possível de interligar a política do encilhamento nos níveis nacional/regional.

O resultado do balanço da conjuntura do encilhamento demonstra que estabelecimentos importantes existentes no mercado de capitais da cidade influenciaram de forma direta na evolução sócio-econômica do município de Cataguases que se apresentou à época com as mesmas características sociais e econômicas que propulcionaram o desenvolvimento da industrialização nos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo.

À medida que os países industrializados irão qualitativamente reorientando sua produção, abrem-se a possibilidade de expandir uma indústria nacional que se dedique à fabricação daqueles artigos “desprezados” ou cujo valor fosse pequeno e de pouco interesse para o produtor estrangeiro, como: a fabricação de tecidos de algodão, a sacaria para embalagem de café, etc.<sup>32</sup>. Em Cataguases, não foi diferente, a primeira iniciativa de montar uma indústria, em 1905, teve sua produção têxtil voltada para a fabricação de tecido de algodão inaugurando um surto industrial, sem, contudo, acompanhar o avantajado desenvolvimento de outros centros industriais.

Cataguases que contava com várias instalações capazes de alavancar um desenvolvimento suficiente para elevá-la à condição de “cidade desenvolvida industrialmente”, sofre com a transferência de alguns investimentos financeiros sendo levados para o comércio e tendo deixado a indústria em uma situação de estagnação.

---

<sup>31</sup> CROCE, Marcus Antônio, *O encilhamento e a economia de Juiz de Fora, o balanço de uma conjuntura (1888-1898)*, dissertação de mestrado pela Universidade Federal Fluminense, 2006.

<sup>32</sup> *Ibidem*, pág. 311.

“Esta cidade magnificante colocada à margem do rio Pomba, ponto de entroncamento de três linhas da Estada de Ferro Leopoldina e terminal de diversos trens; é um centro comercial e industrial em que o seu progresso forçosamente mais se acentuará”.<sup>33</sup>

Esta passagem do jornal local parece ter-se cumprido, pois desde o início do século XX existia um número de investidores locais com capitais próprios acumulados na região<sup>34</sup>.

A lista de acionista dos primórdios da industrialização na cidade demonstra que a acumulação de capitais em Cataguases direcionados à indústria, não veio somente do café e sim da esfera da circulação financeira<sup>35</sup> e de uma cultura para o mercado interno.

Hamilton Monteiro quando se refere ao nascimento da indústria brasileira nos faz recordar o início desse processo em Cataguases<sup>36</sup>. Afirma que a industrialização não nasce como substitutiva de importações em decorrência de crises internacionais, tais como guerras e depressões conjunturais como quer Celso Furtado em seu clássico<sup>37</sup>; ao contrário, nasce fundamentalmente a partir de capitais nacionais aproveitados em condições favoráveis internamente. Sendo mais objetivo diz: “O que ocorre em épocas de crises é a utilização plena da capacidade instalada e não a criação ou ampliação em número das unidades fabris de produção”.<sup>38</sup>

As primeiras indústrias da cidade datam de 1905, quando foi criada a primeira unidade industrial: a Companhia de Fiação e Tecelagem de Cataguases. Foi através do coronel Joaquim Gomes de Araújo, do Dr. Norberto Custódio Ferreira, do coronel João Duarte Ferreira e do Major Maurício Eugênio Murgel com um capital de R200.000\$000 (duzentos contos de réis) que se deu início ao empreendimento. A construção do edifício iniciou-se no dia 08 de agosto de 1905 e no dia 01 de agosto de 1906 era inaugurada a primeira iniciativa industrial de Cataguases<sup>39</sup> com 20 teares dos mais modernos da época fabricados na Inglaterra por Butterwortter & Delmisen, composto dos seguintes implementos: uma calandra, um medidor e dobrador e uma espuladeira<sup>40</sup>.

De acordo com alguns dados colhidos no jornal Cataguases, de 21 de julho de 1929, a fábrica têxtil possuía 200 teares apresentando uma evolução ímpar.

---

<sup>33</sup> Jornal Cataguases de 09 de maio de 1914.

<sup>34</sup> Anexo 09.

<sup>35</sup> FANNI, Silvana Oliveira, *Conquistando liberdade: de escravos e libertos*, dissertação de mestrado em História da Universidade Severino Sombra, 2006, p. 29, 31, 32, 33.

<sup>36</sup> MONTEIRO, Hamilton de Mattos, “Da República Velha ao Estado Novo” in História Geral do Brasil, Editora Campus, 9ª edição, Rio de Janeiro, 1990, pág. 312.

<sup>37</sup> FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1970.

<sup>38</sup> Ibidem.

<sup>39</sup> Anexo 10.

<sup>40</sup> Anexo 11.

**Quadro 2:** Relação de teares por anos, 1905-1929.

<b>ANO</b>	<b>Nº. TEAR</b>
1905	20 teares
1912	70 teares
1914	100 teares
1929	200 teares

Fonte: Jornal Cataguases, 21 de julho de 1929, fl. 01.

A maquinaria era, inicialmente, movida por motor a vapor de 8Hp que depois foi substituído por um motor elétrico de 20Hp. Fabricava no começo somente tecidos com uma produção mensal de 15 mil metros de brim e tecidos para senhoras.

Uma renúncia de cargo por parte de um dos acionistas e tesoureiro na sociedade, Maurício Eugênio Murgel, devido a uma alta no preço do algodão fez com que no dia 23 de março de 1911, um imigrante português, radicado no Brasil, chamado Manuel Ignácio Peixoto juntamente com seus filhos Altamiro, José e Manoel, adquirissem a Companhia de Fiação e Tecelagem, tornando-a o núcleo das indústrias Irmãos Peixoto. A empresa passa a ter uma denominação de “Irmãos Peixoto & Cia.” Em 21 de novembro de 1935, já com o capital de R2600\$000 (dois mil contos de réis) transformou-se em sociedade anônima, sob a denominação de Indústrias Irmãos Peixoto S.A.<sup>41</sup>.

Seguido à primeira iniciativa tem-se a instalação de uma Sociedade Anônima com a denominação de “Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina” com os referidos nomes: Dr. Norberto Custódio Ferreira, coronel João Duarte Ferreira e o Dr. José Monteiro Junqueira. Estes mesmos nomes que anteriormente haviam trazidos para Cataguases o primeiro empreendimento industrial têxtil seguem o empenho da administração pública e criam a primeira usina geradora de energia elétrica na região mineira<sup>42</sup>. Em 20 de dezembro de 1903, a “Gazeta de Leopoldina” noticiava:

<sup>41</sup> Ibidem, pág. 298 e 299.

<sup>42</sup> ALMEIDA, Mariana C.G.C. de; OLIVEIRA, Marcos V.F. de; LAMAS, Fernando Gaudereto, *100 anos de luz – Cia Força e Luz Cataguases-Leopoldina*, Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, Pancrom Gráfica, 2006.

“O Coronel Araújo Porto, Dr. Norberto Custódio Ferreira, Major Maurício Murgel e o Sr. João Duarte Ferreira tratam de fundar, na florescente cidade de Cataguases, uma empresa com o fim de explorar – pela eletricidade – a luz e a força motora (...)”<sup>43</sup>.

No dia 14 de julho de 1908 inauguraram o serviço de fornecimento de energia elétrica que atraiu e possibilitou a implantação de várias outras indústrias e manufaturas diversas. A cidade recebe energia elétrica possibilitando a modernização de máquinas e equipamentos industriais; instalação de telefonia que viabiliza seus contatos com fornecedores e compradores das manufaturas, gerando um mercado diversificado de mão-de-obra e uma demanda por operários qualificados e semiquilificados.

Ao final do ano de 1935 o empresário pernambucano, Severino Pereira da Silva, compra no Rio de Janeiro uma fábrica de tecidos chamada “Aliança”, instalada em Laranjeiras com o intuito de promover a sua dissolução e aproveitar suas máquinas na constituição de outras tecelagens de menor porte. O industrial usava como recurso um decreto-lei de 1931 que restringia a importação de maquinaria para todas as indústrias consideradas de superprodução. Nesta época a crise do crack da bolsa de Nova Iorque (1929) que atingiu também o Brasil gerou um momento de recessão proporcionando no setor têxtil grande estoques de tecidos de algodão acumulados sem compradores. Foi a partir deste ato do pernambucano Severino que nasceu a Cia. Industrial de Cataguases, a Fiação Santa Terezinha em Juiz de Fora e a Cia. Ind. Estamparia – CIANE, em Paraguaçu, sul de Minas Gerais.

A administração municipal de Cataguases pelo prefeito Joaquim Martins da Costa Cruz em setembro de 1936 apóia a instalação da fábrica de fiação e tecelagem dizendo da importância deste investimento:

“... com a fábrica virá a construção de vilas operárias, emprego para operários, marceneiros, pedreiros que vem passando seis longos anos de dificuldades. Com o emprego de 600 operários é previsível o aumento de 1500 a 2000 habitantes (mais de vinte e cinco por cento da população atual), melhorando a demanda de bens, inclusive da área rural, assim como a valorização das casas, desenvolvimento do comércio, novos centros de diversões, aumento da renda da área rural e o favorecimento da cultura do algodão”.

---

<sup>43</sup> Jornal Gazeta de Leopoldina de 20 de dezembro de 1903, folha 01.



E logo após resolve através do decreto de Lei de nº. 96 de 1936, com a concessão de terreno para a construção, isenção de impostos municipais por 25 anos, a gratuidade de água, além de interceder junto ao governo estadual para outras facilidades. Foi no dia 17 de outubro de 1936 que se organizou uma nova sociedade anônima em Cataguases chamada Cia. Industrial Cataguases com uma área inicial de oito mil metros. Em 1937 o edifício da companhia já estava construído e em março de 1938 as máquinas começaram a funcionar. Independente de a situação econômica estar desfavorável no mercado de venda de tecidos e as dificuldades apresentadas com o maquinário, ainda assim o balanço do primeiro exercício datado de 31 de dezembro de 1938 apresentou um lucro de 116:356\$000 frente a um capital social de três mil contos de reis investido pelo primeiro diretor presidente Severino Pereira da Silva, pelo diretor gerente José Inácio Peixoto e Ormeo Junqueira Botelho como diretor tesoureiro<sup>44</sup>. A Cia. Industrial Cataguases surge como um estabelecimento pronto para equilibrar o desenvolvimento da cidade, dotado de uma organização modelo, com capacidade para inúmeros operários principalmente devido ao maquinário adquirido. Máquinas até então inexistente em nossas proximidades. A empresa era destinada à produção e comercialização de fios e tecidos de algodão. O local para instalação da indústria estava localizado na margem direita do Rio Pomba e próximo da Ponte Metálica. A companhia instalou-se numa área de 77.000 metros quadrados, doada pela Prefeitura Municipal, através do decreto de nº. 96. O terreno era acidentado, não podendo a municipalidade concluir os trabalhos de terraplenagem que necessitava. A colaboração e o espírito empreendedor mais uma vez prevaleceu e dentro de 15 meses a indústria estava funcionando<sup>45</sup>.

Como a prefeitura foi limitada em sua doação, os responsáveis pela instalação de mais uma indústria na cidade de Cataguases, resolveram por iniciativa própria adequar à necessidade de nivelamento do terreno com suas possibilidades financeiras do momento. Foi então que na entrevista com o Sr. José Honório<sup>46</sup> e D. Lecília<sup>47</sup> tivemos a confirmação de um fato a este respeito. Diante do relato de José Honório foi possível saber que:

---

<sup>44</sup> Site [www.cataguases.com.br](http://www.cataguases.com.br) acessado em 01 de julho de 2008.

<sup>45</sup> SILVA, Arthur Vieira de Rezende e, *Genealogia dos fundadores de Cataguases*, Editora A. Coelho Branco F., Rio de Janeiro, 1934, pág. 301, 302.

<sup>46</sup> Entrevista de número 001, arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>47</sup> Entrevista de número 002, arquivada no CDH de Cataguases.

“(...) depois eles resolveram desaterrar aquilo ali (...) para poder fazer (...) deu de empreitada ao José Hipólito pra dar aquilo (*Obra da Industrial*) pronto num determinado mês. Se ele desse daria a ele um sítio lá na Granjaria. De fato deu o sítio a ele. O que ele tem foi dado pela Industrial, promessa que ele fez com seis anos fazer o serviço. Desaterraram, tiraram no lombo do burro. O Clube do Remo e ali pra baixo é tudo aterrado com terra saída de lá (*Industrial*)”<sup>48</sup>

De acordo com este entrevistado assim foi construída a Cia. Industrial de Cataguases. Ele também deixou claro que o início foi difícil. José Peixoto além dos poucos teares levou da Indústria Irmãos Peixoto uma das melhores tecelãs, que foi D. Ercília, irmã de Lecília, a entrevistada citada acima. Ela foi quem coordenou os primeiros trabalhos da Cia. Industrial trabalhando nesta indústria até se aposentar.

Em 1943 no dia 13 de janeiro, foi criada a Companhia Manufatora de Fios de Algodão<sup>49</sup>, com o capital de Cr\$ 1.000,00 e com apenas 1600 fusos para a fabricação de fios de algodão. Essa Companhia foi fundada por Manoel Ignácio Peixoto e Rodrigo Lanna e funcionava em galpões adaptados, instalando-se em prédio próprio no ano de 1944, no local onde é hoje instalada. Por acordo da Assembléia Geral Extraordinária de 20 de maio de 1944 passou a se chamar Cia. Manufatora de Tecidos de Algodão<sup>50</sup>.

Em 1954, no dia 04 de março, o Sr. Manoel Peixoto fundou mais uma indústria: a Companhia Mineira de Papéis. Inicialmente se propunha à fabricação e comércio de papéis. A indústria instalou-se na Vila Fernando Peixoto, antiga “Chácara da Água Limpa”. Sua primeira diretoria foi composta por pessoas com interesses econômicos voltados para o desenvolvimento do município como: Diretor-presidente Manoel Ignácio Peixoto; diretor-gerente Emanuel Carvalheira Peixoto e diretor-secretário Rodrigo Lanna<sup>51</sup>. Em 1956 iniciou sua produção, com o funcionamento de uma máquina com capacidade média de 12,5 toneladas diárias, de papel de primeira qualidade<sup>52</sup>.

Cataguases também teve uma produção de papelão desenvolvida pela “Fábrica de Papelão Cataguases S. A” fundada em 23 de abril de 1957 por Etelberto Valverde Souza Nunes, Waldyr Alcântara de Mattos, Rafael Mana, Marly Passeado Osório, Emmanoel de Oliveira. A finalidade da indústria era a fabricação de papelão e sua comercialização. Sabia-se que o mercado tinha carência do produto e além de tudo era mais uma fonte de renda e

<sup>48</sup> Entrevista de número 001, arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>49</sup> Anexo 15.

<sup>50</sup> SILVA, Arthur Vieira de Rezende e, *Genealogia dos fundadores de Cataguases*, Editora A. Coelho Branco F., Rio de Janeiro, 1934, p. 305, 306.

<sup>51</sup> Ibidem.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 308.

trabalho que surgia na cidade. A indústria foi implantada no bairro Primavera, numa área de 30 mil metros quadrados, com uma área edificada de 1.300 metros quadrados. Sua produção anual era de 600 toneladas de papelão pardo, destinado às embalagens diversas e seu faturamento anual girava em torno de Cr\$ 2.100.000,00. Toda a produção da indústria chegou ao mercado consumidor de Minas, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo.<sup>53</sup>

O surto industrial trouxe consigo algumas inovações tecnológicas e formas mais racionais de produção, além de alimentar oficinas de reposição para a rede ferroviária e para as indústrias nascentes, uma tentativa de implantação de um banco com capitais próprios de industriais e comerciantes, e um comércio variado sustentado por um sistema de comunicação e transportes em expansão. Albino Esteves, delegado XVI seção de recenseamento em 19 de novembro de 1920 já mencionava este “surto industrial”.

---

<sup>53</sup> Ibidem, p. 311, 312.

## Capítulo II

### A metodologia presente na História

#### 2.1 - Memória e oralidade

O estudo sobre cultura operária no setor têxtil em Cataguases tem por objeto conhecer como esse setor produziu uma mão-de-obra capaz e identificada com seu ofício. Como foi construído o hábito do trabalho operário, seus conhecimentos, sua pedagogia e como a qualificação dos ofícios se deu, ora no meio profissional; nas fábricas, ora no seio familiar. E foi a partir do recolhimento de vários testemunhos sobre o processo de formação de uma habilidade específica que os identifiquei com sendo própria de operários é que me pude selecionar alguns temas a serem detalhados embasados nas entrevistas que fizeram parte deste bloco de informações.

O historiador escolhe seu objeto de estudo e trabalha normalmente em uma documentação que não foi escrita para a história, mas que ele compassadamente conseguiu reconstituir. O objeto histórico ou objeto de estudo ao ser identificado facilita o caminhar da pesquisa que é sempre resultado de uma história individual<sup>54</sup>. Normalmente, nesses relatos recolhidos não se fala em nome de um grupo e sim em seu próprio nome, muito embora, durante as entrevistas se faça referências às inúmeras pessoas que possam ter participado de um acontecimento, mas nunca um personagem histórico terá o mesmo relato que outro.

Assim afirma Maurice Halbwachs<sup>55</sup>:

“Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena em que havia outros espectadores ou atores para que, mais tarde, quando estes a evocarem à minha frente, quando reconstituírem cada pedaço de sua imagem em meu espírito, esta composição artificial subitamente se anime e assuma figura de coisa viva e a imagem se transforme em lembrança”<sup>56</sup>.

A apropriação da memória pela história proporciona uma produção dentro da própria história provocando interesses em revelar uma identidade dos entrevistados perdida pelo interesse da história oficial. As entrevistas em sua totalidade proporcionam nos entrevistados os sentimentos de encontros, estranhamento, desconfiança e se apóia no ato da construção, do

<sup>54</sup> SALLES, Iraci Galvão. *Representações do Mundo do Trabalho: São Paulo-1890/1910*, Revista de História – História e Perspectivas, Uberlândia, Editora UFU, Jan./Dez.1995, p. 29.

<sup>55</sup> HALBWACHS, Maurice, *A memória coletiva*, Editora Centauro, tradução de Beatriz Sidou, Rio de Janeiro, 2006.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 32.

reconhecimento e da cumplicidade. A coletânea de dados a partir da memória deve ser de forma que traga mais integridade nos elementos que a compõem e a elegem como fonte histórica, não por falta de outras, mas porque ela traz elementos que não estariam registrados em outro lugar.

Ecléa Bossi e Maurice Halbwachs foram analisados por Ernesta Zamboni<sup>57</sup> quando mostram a inter-relação entre memória individual e memória coletiva. Neste ínterim Zamboni afirma que a História Oral tem sido considerada grande referência para o estudo da memória e para a reconstrução do conhecimento histórico. Ou seja, processo de transformação social baseado na memória que é capaz de dar significação às experiências cotidianas.

Zamboni afirma que a memória é a recriação da experiência e o despertar do sentimento de pertencimento, remetendo-nos à História Oral como uma opção metodológica para a ampliação de fontes e abordagens. A oralidade pode ser considerada uma prática que possibilita aos sujeitos atribuírem um sentido para o passado, um significado que é transmitido pela narrativa e produz um saber.

A História Oral enquanto fonte de pesquisa ainda suscita antigos debates envolvendo a diferença entre o que é real e ilusório, verdade ou invenção, retórica e prova. Embora sejam questões bastante discutidas e razoavelmente resolvidas no atual estágio que se encontram as ciências sociais, ainda faz parte do discurso de pesquisadores, principalmente historiadores, que resistem ao uso da oralidade como fonte. Para esses pesquisadores a História Oral só é capaz de produzir versões, mas nunca expor a realidade. A História Oral prescindiria de uma prova material estável e permanente que lhe servisse como suporte da realidade, já que suas fontes são eternas reconstruções.

Na pesquisa em História Oral, entrevistar uma pessoa significa partir com ele em busca de seu vivido, da vivência concreta, do ato de ter sido e ter feito. Essa busca consiste em “vivenciar as experiências dos outros”<sup>58</sup>, partilhar com o outro (entrevistado) o sentido que ele dá à sua existência. Essa atmosfera quase íntima inspira confiança, permitindo ao entrevistado liberdade narrativa e ao entrevistador maior espaço para o questionamento.

Ao trabalhar a memória apoiada na oralidade procurarei mostrar alguns dados sobre o material trabalhado através de estatística com o intuito de levantar questões de “suscitar, jamais de solucionar questões” construindo um relato que nos aproxime da História Social,

---

<sup>57</sup> ZAMBONI, Ernesta, Digressões sobre o ensino de história - *Memória, história oral e razão histórica*, Coleção Ensino de História, Editora Maria do Cais, Itajaí, 2007, p. 15.

<sup>58</sup> FURTADO, José Geraldo Esquerdo, *Oficina de memória: A construção do espaço de trabalho na memória dos trabalhadores ferroviários da oficina de Porto Novo*, dissertação de mestrado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, 2008.

aquela história que muito contribuiu em todo o século XX para formular problemas pertinentes às mulheres, ao proletário, da história local enraizadas naqueles agentes sem vozes ou silenciados. Uma história que se quer do cotidiano, da vida privada da “história vista de baixo”. A oralidade não constitui pedaço por pedaço da imagem de um acontecimento, ela é um procedimento metodológico capaz de constituir novas fontes para a pesquisa histórica, com base em depoimentos colhidos sistematicamente em pesquisas específicas, com rigor de método e seleção de problemas. O fazer história oral significa “produzir conhecimento histórico, científico e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos ‘outros’”<sup>59</sup>.

Outra questão importante que atravessa o processo de constituição do fazer histórico de nossa pesquisa foi a relação entre história e memória, destacando-se como distinção entre o tempo histórico e o tempo da memória onde autores como Maria Paula Araújo e Tânia Maria Fernandes<sup>60</sup> lembram Le Goff, “*O velho tempo da memória atravessa a história e o alimenta*”, tomando como base a oposição entre passado e presente ressaltando que esta oposição “não é um dado natural, mas sim uma construção”. Como tratamos de um grupo de entrevistados coexistindo num espaço delimitado pelo trabalho, acreditamos ser possível reconstruir através de suas narrativas individuais, a rede social com seus pontos comuns, seus conflitos, suas carências, os bons e maus momentos, seus significados e representações e, sobretudo, os temas silenciados.

Para esta pesquisa lançamos mão da história de vida de indivíduos comuns que formam um grupo de convivência estável e que por terem sido operários em um mesmo município, em uma mesma fábrica, partilham experiências comuns. Acreditamos que cada indivíduo pode representar uma totalidade, detentores das características e comportamento do grupo ou, pelo menos, podemos observar, pelas suas narrativas de vida, elementos que transcendem seu ser individual, existindo nele algo do coletivo do qual participa.

---

<sup>59</sup> Ibidem, p.17.

<sup>60</sup> VISCARDI, Cláudia M.R., DELGADO, Lucília de A. Neves, *História Oral Teoria, educação e sociedade, in O diálogo da história oral, com a historiografia contemporânea*, CAPES, Editora UFJF, Juiz de Fora, p. 15, 2006.

## 2.2 - Como e porque trabalhar memória e oralidade?

Dentro da proposta de trabalho em desenvolver uma metodologia que garantisse possibilidades de compreensão histórica sobre a vida social e cultural dos operários têxteis de Cataguases, além dos relatos colidos, tive acesso a processos civis, criminais, fichas de departamento de pessoal da Cia. de Fiação e Tecelagem de Cataguases, da Cia. Industrial Cataguases<sup>61</sup> que complementaram os recursos da História Oral.

Dentro da oralidade foram realizadas várias entrevistas<sup>62</sup> com ex-operários de Cataguases. Cada qual dentro da sua possibilidade me colocou fatos de sua história que seguirão por décadas como recurso patrimonial deixado à disposição para futuras pesquisas. O material utilizado juntamente à oralidade foram fichas, desenvolvidas a partir da necessidade e que veio padronizar meu método de recolher informações e dados dos entrevistados. A princípio elaborei uma carta de “Cessão de Direitos” onde cada entrevistado autorizasse a publicação de sua identidade neste trabalho<sup>63</sup>. Em seguida trabalhei uma ficha de identificação do entrevistado, “Ficha de Cadastro”, onde recolho dados pessoais para facilitar sua identificação posteriormente. Também é registrado o tipo de material técnico utilizado nas entrevistas e a duração da conversa<sup>64</sup>.

A forma de armazenamento dessas fichas teve como prática as técnicas arquivística para facilitar o manuseio no futuro. Elas ficarão disponíveis no Centro de Documentação Histórica (CDH), em Cataguases.

Antes de gravar as entrevistas fiz uma sondagem inicial com as testemunhas orais e aos poucos umas iam indicando outros nomes que facilitaram o trabalho. Ao trabalhar nas entrevistas percebi que algumas pessoas poderiam ter retratos ou documentos que pudessem comprovar com mais exatidão o assunto abordado naquele momento. Foi então que surgiu a necessidade de editar uma ficha para “Catalogação de fotografias”<sup>65</sup>.

Ainda dentro do fichamento das entrevistas foi elaborada uma ficha para transcrição do depoimento, onde trechos são recortados e transcritos para a utilização no decorrer do trabalho<sup>66</sup>. Após o contato com os entrevistados, as gravações foram transferidas para um CD-ROM. Cada entrevista recebeu uma numeração na ficha de inscrição, que posteriormente

---

<sup>61</sup> As fichas do departamento de pessoal da Cia. de Fiação e Tecelagem de Cataguases e da Cia. Industrial Cataguases giram em torno 5000 fichas, sendo a maior parte da Cia. Irmãos Peixoto.

<sup>62</sup> Anexo 12.

<sup>63</sup> Anexo 13.

<sup>64</sup> Anexo 14.

<sup>65</sup> Anexo 15.

<sup>66</sup> Anexo 16.

foram transferidas para o CD-ROM. Individualmente trabalhei ouvindo as gravações e retirando dados que completariam o contexto do trabalho.

Daniele Voldman<sup>67</sup> nos alerta para esta iniciativa de registrar os fatos através das fontes orais e do interesse, preocupação e consciência em trabalhar para as gerações futuras de pesquisadores. Ainda não são todos os estudiosos que valorizam este trabalho e entendem que podem fazer a diferença quanto a sua utilização. A autora afirma que “o historiador que se recusa a ter interesse pelo futuro daquilo que coleta inventa uma fonte cujo caráter efêmero ele aceita, considera que ela somente lhe pertence e que ele é o único destinatário da mensagem que ela transmite”<sup>68</sup>.

Interessou-me, sobretudo, perceber como aconteciam as relações e as vivências que se estabeleceram no mundo do trabalho e do não-trabalho. No entender de Lê Goff, a memória é “essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o passado vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado”<sup>69</sup>. A memória dos atores sociais que fizeram parte da história das fábricas estudadas transformou-se em fonte elucidativa, à medida que o universo fabril se fazia representar através dos depoimentos. A memória é uma fonte histórica peculiar, dada sua estreita relação com a história. No diálogo entre o passado e o presente, as memórias coletivas e individuais estão impregnadas de historicidade. Entre a lembrança e o esquecimento, os sujeitos históricos estabelecem elos com o passado, através de suas falas no presente. Foram esses os ecos que procurei ouvir ao estabelecer um diálogo, no presente, com os fatos vivenciados e transformados em lembranças.

A narrativa segue composta exatamente daquilo que foi gravado e que estava registrado na memória de cada um. Sendo assim, a memória é um dos principais elementos da identidade humana e é por este motivo que será aplicado um procedimento metodológico de recolher tais depoimentos transcrevendo-os e obedecendo a prosódia do depoente. Lembrando sempre que os entrevistados se limitavam a responder apenas às perguntas feitas pelo entrevistador. Poucos foram os momentos que tomavam as rédeas da narrativa. Em geral, apenas quando se desliga o gravador é que a narrativa ganha fluidez, toma novos rumos e o entrevistado se solta, fazendo confidências e segredando ações e juízos. Na verdade, há dois momentos no diálogo: um antes do gravador e outro depois do gravador. Exemplo disto são algumas entrevistas que já tinham sido encerradas<sup>70</sup> e foram reativadas porque o depoente se

---

<sup>67</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína, *Usos e Abusos da História Oral*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2002, p. 250.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p.251.

<sup>69</sup> LE GOFF, Jacques, *História e Memória*, 5ª edição, Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p.29.

<sup>70</sup> Entrevista de número 001, com José Honório da Silva, arquivada no CDH de Cataguases.



solta deixando as lembranças invadirem sua memória e fala com mais desenvoltura. Então volto a ligar o gravador e recupero mais algumas informações que os entrevistados geralmente falam que não tem muita importância, que nem precisava voltar a gravar porque não iria acrescentar mais nada.

Nas andanças em busca de novas entrevistas cheguei a me deparar com várias situações até mesmo engraçadas. Para conseguir uma informação e buscar novos fatos para compor este trabalho cheguei a entrevistar um ex-operário no dia 21 de outubro de 2007, chamado Idimar Vilela<sup>71</sup> de 73 anos. Esta entrevista foi realizada no interior do cemitério de Cataguases, num dia de domingo pela manhã, porque este senhor apesar de ser aposentado de suas funções de operário, ainda continua exercendo outra função por se achar capacitado para o trabalho. Por isto é funcionário da prefeitura da cidade e coordenador dos serviços funerários da localidade. Ele não se negou em dar a entrevista, mas disse que o melhor horário seria no domingo pela manhã, devido ao pouco movimento em seu trabalho que requer um profissional que não tenha folga pela necessidade de sepultamentos. Fato esse por si só revelador da natureza disciplinar que o ofício impõe e do ex-operário que o aceita.

Outra entrevistada que me chamou a atenção foi a de D. Esperança Maria de Assis<sup>72</sup>, nascida em 1915, ex-tecelã da Cia. Industrial Cataguases, oitava operária desta fábrica. Devido ao raciocínio estar um pouco lento, o desgaste da idade e os acontecimentos da vida particular ela não gosta muito de falar do passado. Só aceitou dar entrevista quando sua filha disse que eu era sobrinha de uma amiga de fábrica, Cecília Perna, quando então aceito o desafio. Vi neste ato uma demonstração de fidelidade à rede social, banhada por afeto, que reflete uma identidade construída no ambiente de trabalho.

A entrevista com D. Maria Mendes Neto<sup>73</sup>, nascida em 1924, hoje com 83 anos e já acamada também chamou minha atenção. Por várias vezes a entrevista foi interrompida para que D. Maria pudesse molhar os lábios. Ela mantém sempre um copo com água na cabeceira de sua cama, devido a uma enfermidade causada por stress. Seus lábios secam com muita facilidade, então ela molha o dedo indicador na água e passa nos lábios. Isto foi constante durante toda a entrevista. Ela contou que quando vieram para Cataguases, seus pais, sete irmãos e ela aos quatorze anos de idade, saíram da Fazenda dos Neves, hoje perto da Fazenda da Aurora, na estrada entre Cataguases e Leopoldina, onde nunca tiveram oportunidade de

---

<sup>71</sup> Entrevista de número 010 arquivada no CDH de Cataguases. Idimar Vilela, nascido no ano de 1934, integrante de uma família de sete irmãos e filho de carpinteiro de fazenda, chegaram a Cataguases, vindos da Fazenda da Aurora no ano de 1938 para morar na Vila Minalda em casa de aluguel.

<sup>72</sup> Entrevista de número 011 arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>73</sup> Entrevista de número 003 arquivada no CDH de Cataguases.

estudar devido à distância que moravam e às condições financeiras do pai que trabalhava fazendo biscate<sup>74</sup>, ora trabalhava, ora não. Ela relata nunca ter frequentado escola. Chegando a Cataguases, foram morar de aluguel na Vila Minalda, bairro situado em uma das entradas da cidade de Cataguases. Portanto todos tinham a necessidade de trabalhar. Em pouco tempo seu pai adoeceu e veio a falecer, ficando inteira responsabilidade com a mãe que logo se empenhou em arrumar emprego para os filhos.

Foi assim que Maria Mendes começou a trabalhar na fábrica de tecidos Irmãos Peixoto recebendo meio salário mínimo vigente. A necessidade da família era grande e este pequeno salário fazia a diferença. Então, em um determinado dia Maria Mendes, ao chegar a casa e entregar seu pagamento à sua mãe percebeu que havia um salário completo no envelope de pagamento, forma com que era entregue o pagamento na época. Também era comum os filhos levarem o salário para casa sem abrir, entregando aos pais todo o ganho salarial. Qual foi minha surpresa que a entrevistada me contou ter voltado à indústria e devolvido seu pagamento, porque não era de direito ficar com uma quantia que não lhe pertencia. Neste momento percebi um dos valores morais - a honestidade.

Guiomar Gonçalves Andrade<sup>75</sup>, moradora no Asilo São José, no Hospital de Cataguases, é mais uma entrevistada. Nascida em 1916 e apesar da deficiência em sua visão que a impossibilita de enxergar, concedeu-me atenção e generosidade ao responder a todas as perguntas. Devido à sua cegueira, a pessoa responsável por ela disse-me que a única objeção era que em momento algum eu deixasse transparecer que ela morava num asilo, porque ela pensa que ainda vive em sua residência. Esta responsável por D. Guiomar é uma funcionária particular, mantida neste cargo com autorização de seus filhos e cozinhando somente para ela usando as instalações do asilo.

Durante minha conversa com D. Guiomar ela se mostrou muito atenta ao assunto. Isto me lembrou a percepção aguçada que os cegos têm em relação às pessoas que enxergam. E foi aí que ela me indagou com a seguinte pergunta: - Você já visitou uma indústria? E eu muito prontamente respondi que não. Ela completou: - Você precisa conhecer para ficar mais “aperfeiçoada” nos seus estudos. Vai te ajudar muito. Neste momento a entrevista parece voltar no tempo para D. Guiomar e à medida que conversávamos os fatos vinham em sua memória com uma facilidade parecendo que naquele momento ela se transportava para seus

---

<sup>74</sup> O termo biscate talvez seja um termo próprio de cidade interiorana. O que o pai da entrevistada fosse era jornalista, trabalhava para várias pessoas ao mesmo tempo e em trabalho diversificado.

<sup>75</sup> Entrevista de número 034 arquivada no CDH de Cataguases

dias vividos na indústria. Ao me despedir ela frisou que eu não deixasse de visitá-la porque adorou falar de sua juventude.

O depoimento oral que é uma fonte constituída por uma narrativa em que consiste a interpretação da experiência vivida, vive longe da objetividade e da verdade almejada pela historiografia tradicional. Por isso, deixo claro alguns dos objetivos desta pesquisa: valorizar, respeitar e aceitar os depoimentos, como sendo experiências humanas históricas que servirão como contribuição para trazer ao desenvolvimento deste trabalho as vivências pessoais que serão o reflexo de uma “cultura operária” construída pela oralidade dos operários.

Ao continuar a análise dos relatos me deparo com a fotografia, um dos ícones da modernidade, que posso afirmar, diante dos entrevistados, poucos foram os que puderam enriquecer este trabalho com suas fotos. Para a época, fotografia era um artigo de luxo adquirido por poucos. Atualmente já se tem mais facilidade e comprometimento em registrar boa parte dos acontecimentos de nossa vida, seja no trabalho, no lazer ou no dia-a-dia.

Em algumas entrevistas tive meu trabalho preenchido com fotografias que deram mais clareza aos fatos. As pessoas sempre têm o prazer de mostrar suas fotos e relembrar o nome de pessoa por pessoa que compõe aquele retrato. A foto muitas vezes é mantida como um troféu, como no caso das operárias padrão.

Ter o cuidado de conservar fotos é uma maneira de iniciar um diálogo quando se está entre amigos ou parentes. Ao mostrar as imagens registradas as pessoas vão falando dos dias vividos. Esta é uma das maneiras que as pessoas passavam para a família sua história de vida.

## Capítulo III

### Cultura Operária de Cataguases

#### **3.1 – Mudanças no cotidiano do trabalhador rural ao se tornar operário – novos hábitos adquiridos pela necessidade de sobrevivência.**

A idéia central deste capítulo é a de conhecer o dia-a-dia do operariado têxtil e de sua família através dos relatos orais. Com este objetivo valorizamos os relatos que nos revelam sobre o ambiente de trabalho, vida em família e os sentimentos que os uniam, fossem entre familiares e entre companheiros de fábrica.

A maneira de adentrar ao universo desses ex-operários me foi facilitada quando fui convidada a participar do Primeiro Encontro dos Moradores do Bairro Jardim<sup>76</sup>, cujo ambiente proporcionado pelos organizadores era o de incentivar e reavivar a memória consolidando laços afetivos e familiares. O mote do encontro era relembrar os “velhos tempos”, expressão várias vezes repetidas pelos participantes. Estavam presentes filhos, genros, noras, netos e outros amigos e companheiros, identificados como a “grande família operária”.

Logo na entrada do local do evento, observei um mural de fotos,<sup>77</sup> cujo título era “Somente a árvore de raízes profundas pode estender para longe os galhos fortes”. Fui convidada a fazer parte das atividades do encontro e, à medida que ia me apresentando a referência era sempre o fato de eu ser de origem operária. Muitos não me conheciam, mas, sabiam quem eram meus pais, tios e demais familiares; o que muito facilitou recolher informações a respeito dos laços afetivos dos meus futuros depoentes.

O encontro durou toda a parte da manhã e boa parte da tarde, quando pude observar as conversas de mesa em mesa onde eram ressaltadas as visões de mundo da classe operária através de suas memórias afetivas, sociais e de seu ambiente de trabalho. Através dos temas abordados pelos próprios ex-operários pude, inicialmente, realizar um pequeno inventário de temas que no futuro, eu poderia utilizar nas entrevistas.

Interessante perceber que o mundo social dos operários têxteis abarcava todas as situações possíveis do cotidiano, a disciplina rígida de espaço e tempo no trabalho, as

---

<sup>76</sup> Bairro Jardim criado na década de trinta muito próximo à Cia. Industrial de Cataguases para abrigar os operários têxteis daquela indústria. O encontro ocorreu em 24.05.2008 no espaço ART CIC. Anexo 17.

<sup>77</sup> Anexo 18.

situações afetivas: relações de amor, de família, as situações da vigilância e repressão dos patrões ou de seus representantes, as oportunidades de lazer na folga dos turnos; enfim, várias situações que amparam nosso objetivo de reconstituir através de suas falas a vida cultural dos operários têxteis de Cataguases.

Durante as horas em que estive presente no encontro, procurei privilegiar os ex-operários mais velhos para uma pré entrevista e aos pouco fui montando uma grande família consanguínea: ali estavam Sr. José Lomeu<sup>78</sup>, Pedro Lomeu, Francisco Lomeu de Carvalho. (Veja Anexo 19) Outras tantas como a família do Sr. Joaquim Alves Moreira e Sra. Madalena Peres Moreira. Todos lembrando “histórias que o tempo não apaga” e tendo a certeza que no dia 13 de junho de 2009 estarão no mesmo local reunido para uma maior divulgação e valorização de suas amizades.

A partir desse primeiro contato com o meu grupo de testemunha procurei inquiri-los sobre as condições sociais de seus pais, remontando a um tempo pregresso, ou seja, anterior à geração que se auto reconhece como operária. Pois assim, poderia ter uma noção, ainda que precária, da origem do meu público de testemunha.

**Quadro 3** Habilidades profissionais dos pais dos entrevistados

<b>Habilidade Profissional</b>	<b>Número de entrevistados</b>
Lavrador	22
Sitiente	1
Pedreiro	1
Ajudante de pedreiro	2
Não soube informar	1
Carpinteiro	3
Barbeiro	2
Operário têxtil	1
Retireiro	1
Operário na fábrica de macarrão	1
Tipógrafo	1
Carreiro	2
Consertador de harmônica	1
<b>Total das entrevistas</b>	<b>39</b>

Fonte: Entrevistas feitas pela autora e arquivadas no CDH de Cataguases.

<sup>78</sup> Posteriormente consultando os “Registros de Admissão de Demissão” da Cia. Industrial de Cataguases verifiquei que o Sr. José Lomeu tinha seu nome no registro com José Cândido de Carvalho.

Dos 39 escolhidos para entrevistas, o perfil de seus pais se apresentou como sendo variado e, em alguns casos, ofícios inusitados como o exemplo de dona Guiomar Gonçalves Andrade<sup>79</sup> que contou que seu falecido pai consertava harmônica; afeito a concertos e consertos de instrumentos musicais. Dentre os ofícios mais citadas eram os provenientes do meio rural, ou seja, lavradores que puderam transpor as fronteiras de dois mundo: o rural para o urbano. Este caso espelha uma situação possivelmente comum para época; a de famílias recém chegadas ao mundo urbano, provenientes da área rural em reestruturação, que adentram ao mundo da indústria têxtil. A instalação das primeiras indústrias fazia parte de um novo cenário urbano confrontando um mundo de ofícios rurais em um porvir de ofícios de manufaturas que ainda estava por ser instruído, educado e consolidado. Pensando assim, podemos dizer que a formação do operário têxtil em Cataguases não provém de um modelo familiar, trata-se, na verdade, da primeira geração operária e seu aprendizado se deu no próprio local de trabalho e foram levados a participar desse surto industrial em um contexto de instabilidade da geração anterior, ou seja, seus pais vinham de um mundo em reestruturação. Essa geração de operários têxteis foi preparada desde a pré-adolescência para entrar no mundo do trabalho, pois o temor dos pais com o futuro do filho, associado à falta de perspectivas melhores, de recursos materiais, o temor da marginalidade próprio do mundo urbano faz com que os pais tendem a educar os filhos no sentido de serem bons trabalhadores, dedicados, responsáveis e capazes de suportar as durezas físicas e psicológicas de uma profissão que, quando bem colocado no mercado de trabalho, alcançarão a condição de operário, o que é bem melhor do que o trabalho braçal simplesmente.

“É por isso que dizemos algumas vezes de alguns homens que eles não tiveram infância, porque a necessidade de ganhar seu pão, impondo-se a ele muito cedo, forçou-os a entrar nos domínios da sociedade onde os homens lutam pela vida (...)”<sup>80</sup>

Poucos foram os entrevistados que tiveram seus pais trabalhando como operários, mas quase todos relataram que seus pais se esmeraram para que os filhos tivessem uma chance nas fábricas e a porta de entrada ao mundo do trabalho operário não era a qualificação, mas sim, o valor de que o filho era “honesto”, tinha “boa conduta”, valores quase sempre apalavrado

---

<sup>79</sup> Entrevista de número 034, arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>80</sup> HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo, Centauro, 2004, p. 46.

pelos pais e pelos “padrinhos”. Para se conseguir um cargo de operário às vezes era demorado. Em alguns poucos casos o próprio interessado chegava à portaria da fábrica e perguntava se tinha emprego. Era perguntado se tinha algum conhecido lá dentro e quantas pessoas havia em sua família, para analisar a necessidade. Em outros uma pessoa conhecida indicava o interessado ao contramestre ou a alguém responsável pela diretoria da fábrica e assim conseguia trabalhar. Era quase sempre necessária a influência de uma terceira pessoa para interpelar por uma vaga a um conhecido dentro da indústria. O dito popular: fulano é de “boa família” deixava transparecer que o candidato a operário faria “jus” ao emprego e que não decepcionaria nenhuma das partes. Este valor atribuído à moralidade da família é uma característica do mercado de trabalho; a qualidade do funcionário era endossada pelo núcleo familiar que movia esta estratégia no mercado de trabalho, o trabalho como extensão do lar.

Fica explícito em nossas entrevistas que as heranças de condutas provenientes dos pais eram o caminho a percorrer em direção a uma futura qualificação de operário.

Os candidatos a uma vaga de operário têxtil que apresentasse esses valores tiveram mais facilidade em conseguir uma vaga nas indústrias. Uma boa recomendação “de respeito” e “de boa conduta” era o que importava. Os que vinham do campo chegavam em situação precária, dependiam de moradia, de parentes e não tinham conhecimento, relações sociais que lhes garantissem a indicação ou a avaliação de suas qualidades. A solução para os recém chegados do campo era procurar um “padrinho” para ser inserido no novo contexto social e cultural da cidade.

Depois de se empregar, na fase de adaptação muitos relataram ter tido dificuldades com a nova disciplina. Dona Isarina é um exemplo, nascida em 1912, tendo até o dia da entrevista 95 anos, relatou preferir o serviço no campo que o da fábrica<sup>81</sup>. Apesar de ter trabalhado em uma única fábrica, “Indústria Irmãos Peixoto”, até se aposentar, por várias vezes tentou abandonar o trabalho, mas tendo ficado viúva muito cedo com quatro filhos pequenos, o mais velho tendo seis anos, entendia a necessidade de trabalhar para sustentar a família. Veio para a cidade por intermédio de um primo chamado Ademar, que lhe serviu de intermediário ao mundo urbano e, por trabalhar por dois anos na residência do primo como doméstica, a experiência lhe serviu de estágio à sua vida operária. Porém, sua lembrança do mundo rural, segundo seus relatos, a acompanhou por toda a vida.

---

<sup>81</sup> Entrevista de número 014 arquivada no CDH de Cataguases. Depoente falecida no decorrer do trabalho, mais precisamente dia 26 de agosto de 2008.

“(...) Era difícil... eu já prantei arroz dentro d’água, panhava café, juntava o café (...) soprava na penera, enchia o balai, carregava nas costas e prantava milho, capinava, capinava arroz n’água, fiz todo serviço, já prantei feijão, já prantei arroz, prantei e colhi milho, café, já panhei muito café. Era uma puerada! Chegava em casa era pura pueira. Não tinha esse negócio de chuveiro mais, né? Ainda. Aí punha água na bacia pra tomá banho, a água ficava barro. Colocava outra água pra enchaguá o corpo (...)”<sup>82</sup>.

Embora dona Isarina durante todo o relato demonstrar que resistia a adaptar-se à vida operária concorda com a utilidade da nova vida, pois sua permanência na fábrica, não só lhe ajudou a ganhar a vida, mas também lhe serviu tempos mais tarde para ajudar seu filho na formação de seus netos e, inclusive, graças ao seu conhecimento seu filho seguiu o mesmo périplo profissional.

A experiência de operários atuarem por toda a vida em uma empresa em conjunto com familiares “cria-se um ambiente propício para mitificação de histórias ocorridas no próprio ambiente de trabalho e que normalmente coloca o trabalhador como uma espécie de herói”<sup>83</sup>, onde as vivências do trabalho se confundem com a saga familiar.

Para reforçar esta análise cotidiana operária de Cataguases, apoiamo-nos no estudo de Anderson Pires<sup>84</sup> sobre a industrialização de Juiz de Fora, onde segundo este autor, Cataguases encontrava-se entre os 10 maiores municípios industriais de Minas Gerais na primeira década do século XX.

---

<sup>82</sup> Ibidem.

<sup>83</sup> FURTADO, José Geraldo Esquerdo, *Oficina de memória: A construção do espaço de trabalho na memória dos trabalhadores ferroviários da oficina de Porto Novo*, dissertação de mestrado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, 2008.

<sup>84</sup> PIRES, Anderson, *Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora*, dissertação de mestrado pela Universidade Federal Fluminense, UFF, Rio de Janeiro, 1993.



**Quadro 4:**

Relação dos 10 maiores municípios industriais pelo valor da produção em 1907.

<b>Município</b>	<b>Valor da produção industrial (em contos de réis)</b>	<b>%</b>
Juiz de Fora	8.341	46,81
Sete Lagoas	2.514	14,11
Belo Horizonte	1.468	8,23
Palmyra	1.099	6,16
Prados	1.044	5,85
Ouro Preto	750	4,20
S.João Neponuceno	744	4,17
Ponte Nova	642	3,60
Cataguases	632	3,54
Baependi	582	3,26
total	17.816	99,93

Fonte: PIRES, Anderson, *A industrialização de Juiz de Fora*, in: Revista Científica da Faminas, vol.1, n°2, maio-agosto, Muriaé, EDFAMINAS, 2005, p.28.

O fato de Cataguases aparecer em nono lugar, apenas um ano depois da criação da fábrica de tecidos e dois anos depois da instalação da Cia. Força e Luz Cataguases-Leopoldina é uma forma de valorizar o dinamismo econômico na região e reafirmar a presença do homem do campo nos segmentos urbanos. Mas, não podemos generalizar sua presença somente na cidade porque o mesmo autor, Anderson Pires, fala que o capital necessário para o desenvolvimento industrial da região sudeste, incluindo a Zona da Mata Mineira, saiu da atividade agrário-mercantil, o que a caracterizou como região de produção cafeeira.

Domingos Giroletti<sup>85</sup> debruçando-se sobre esta afirmativa apontou Cataguases como um dos 23 municípios mais importantes na produção do café.

E a historiadora Silvana Fanni<sup>86</sup>, também caracteriza as melhorias civis no espaço urbano (casas, praças, etc.) e melhorias comerciais (comércio em geral) incluindo o empreendimento industrial, pelo aumento do número de casas comerciais voltadas para o beneficiamento do café.

<sup>85</sup> GIROLETTI, Domingos Antônio, *Industrialização de Juiz de Fora, 1850 a 1930*, dissertação de mestrado da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 1974.

<sup>86</sup> FANNI, Silvana Oliveira, *Conquistando liberdade: de escravos e libertos*, dissertação de mestrado em História da Universidade Severino Sombra, 2006.

Neste caso, houve valorização do preço do produto (café) garantindo a estabilidade para os produtores de maneira a aplicar o capital em outras atividades, tal como a indústria.

### 3.2 – Disciplina no ambiente de trabalho

Analisando o conjunto de registros colhidos através das entrevistas<sup>87</sup>, alguns temas pertinentes vêm mostrar parte da cultura operária de Cataguases, expressando o modo de vida, de pensar e de ser de cada operário. Paul Thompson denomina esta análise como sendo a “democratização da própria história, a vitalidade que desenvolve nas pessoas seu próprio protagonismo que haviam perdido em benefício de uns poucos”<sup>88</sup>.

O trabalho constituído de fontes orais busca com a memória uma compreensão dos “indivíduos que interagem uns com os outros e estruturam hábitos e valores em diferentes comunidades”<sup>89</sup>. Justifica a especial atenção atribuída aos chamados “dominados”, aos “silenciosos” e aos “excluídos” da história que mostram ter um cotidiano de vida, que fazem parte de uma história local e enraizada, que suas abordagens dão preferência a uma “história vista de baixo”, atenta às maneiras de ver e de sentir com mais originalidade aos fatos<sup>90</sup>.

Iraci Galvão relatou em uma de suas obras (1995) a férrea disciplina que era imposta aos trabalhadores operários a partir de sua análise em Uberlândia. Os operários trabalhavam em média 10 horas por dia; os tecelões 12 horas ou mais; o salário dos operários de qualquer ofício era de 4 a 6 ou mais mil réis por dia, enquanto os de trabalho penoso e insalubre, raramente chegavam a ganhar de 80 a 90 mil réis por mês. Multas eram cobradas por peças manchadas ao ser tecida e que deveria ser comprada pelo preço fixado pelo gerente<sup>91</sup>.

Em Cataguases a disciplina era obtida com advertências e ocorrências cujas papeletas encontram anexadas às fichas de Admissão e Demissão dos operários. Os operários que vieram da zona rural não estavam acostumados com a disciplina do trabalho determinado pelo ritmo das máquinas. Temos vários exemplos de anotações de advertências que exemplificam a

---

<sup>87</sup> Anexo 21.

<sup>88</sup> GARRIDO, Joan Del Alcázar i, As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate, *Memória, história, historiografia - dossiê ensino de história – Revista Brasileira de História*, Anpuh, Editora Marco Zero, São Paulo, n° 25/26, 2004, p.36.

<sup>89</sup> MIRANDA, Sônia Regina, *Sob o signo da memória – Cultura escolar, saberes docentes e História ensinada*, Editora UNESP, Editora UFJF, Juiz de Fora, p. 165, 2007.

<sup>90</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína, *Usos e Abusos da História Oral*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2002, p. 5.

<sup>91</sup> SALLES, Iraci Galvão. *Representações do Mundo do Trabalho: São Paulo-1890/1910*, Revista de História – História e Perspectivas, Uberlândia, Editora UFU, Jan./Dez.1995, p. 153.

prática disciplinar comentada por Galvão.<sup>92</sup> Este operário foi muitas vezes advertido e suspenso por produzir tecidos com defeito. Sua indisciplina era de tal ordem que por várias vezes se recusava a assinar várias das advertências, o que causou sua demissão – pouco habitual - sem justa causa. A rigidez era severa na punição, mas justa na forma de reaproveitar este operário em outra indústria sem desclassificá-lo como indisciplinado. O operário indisciplinado era punido com a demissão, porém, não levava em sua carteira a picha de indisciplinado pois no contexto industrial de Cataguases esse mesmo operário era aproveitado em outra indústria pertencente à mesma família das indústria têxteis. Em Cataguases os “industriais” ou “homens de negócios” mantinham o hábito de demitir um operário e, imediatamente admiti-lo em outra indústria em setores similares ao que foi demitido. Esta prática era uma constante, não deixando o operário desempregado por muito tempo e conseqüentemente as indústrias mantinham o controle da situação no aproveitamento da mão-de-obra já em atividade, já qualificada. Apesar de este exemplo estar bem próximo dos dias atuais devido à data de admissão isto nos faz perceber uma prática antiga que perdurou com o passar dos tempos. A produção e a qualidade eram metas a serem cumpridas.

Outra incidência de indisciplina no meio têxtil era a ausência de operários no controle de sua máquina com a desculpa de ter se ausentado para conversar com o seu colega da sessão. Hábito quase natural dado à quantidade de vezes que esse procedimento foi acusado pelos agentes da disciplina<sup>93</sup>. A advertência só era acompanhada de punição após observar o primeiro delito. Podemos dizer que isto era mais comum em menores, embora também haja ocorrido entre aqueles de maioridade como o exemplo abaixo.

“Março, 30, 1964

Sr. J.F.M. – CP 96758- S 62

Prezado Senhor,

Muito a contra gosto, vimos pela presente chamar-lhe atenção pelo seu procedimento.

Dia 26 um dos diretores o encontrou em uma seção completamente alheia aos seus serviços, juntamente com outros três operários conversando, o que é expressamente proibido.

Isto constitui desrespeito ao regulamento interno e quebra a disciplina, o que não permitimos em hipótese alguma.

Sua estabilidade e comportamento devem ser estímulo e exemplo para outros não estáveis.

Contamos com sua colaboração para o caso em foco, evitando assim a necessidade de outras medidas<sup>94</sup>.

<sup>92</sup> Veja a ficha do ajudante de contramestre n.º 4817, admitido em 22-10-1984 e demitido em 01-12-1992. Ficha arquivada no CDH em Cataguases. Não foram anexados os registros de suspensão do operário devido à falta de autorização para publicação dos nomes.

<sup>93</sup> Consta carta de advertência porque o operário (J.F.M.) foi pego em outra seção conversando. Não cito o nome do funcionário porque não tenho a autorização para publicação.

<sup>94</sup> Ibidem.

A forma de trabalho por turno colocava os operários em completa atenção para a próxima troca, que era de 4 em 4 horas. Trabalhava-se 4 horas e folgavam-se quatro. Melhor dizendo, cada funcionário trabalhava dois turnos diários e folgava outros dois turnos. Outro ponto que ficou claro nos relatos era a chegada de um novo trabalhador e junto a ele outro operário ensinava-lhe o serviço, embora haja relatos em que o depoente relata que muitos operários mais experientes não gostavam de ensinar. As advertências eram utilizadas como forma de chamar a atenção para uma perfeita produção e nos casos de reincidir o operário ou era despedido ou cobrava-lhe multa por dias ausentes.

### Quadro 5

Análise de fichas por advertências e suspensão dos operários de Cataguases

<b>Número da ficha</b>	<b>Número de advertência</b>	<b>Dias de Suspensão</b>	<b>Resultado</b>
2863	01	03	Retornou ao trabalho
2863	01	03	Retornou ao trabalho
2863	01	03	Retornou ao trabalho
1836	01	03	Retornou ao trabalho
1836	01	06	Retornou ao trabalho
1836	01	12	Retornou ao trabalho
1930	01	03	Retornou ao trabalho
1930	01	03	Retornou ao trabalho
1930	01	01	Retornou ao trabalho
1913	01	03	Retornou ao trabalho
1913	01	03	Retornou ao trabalho, mas recusou-se a assinar advertência.
1913	01	03	Retornou ao trabalho, mas recusou-se a assinar advertência.
Não informado	01	03	Retornou ao trabalho
Não informado	01	06	Foi demitida ao retornar ao trabalho

Fonte: Dados extraídos das Fichas de Operários – Demissão e Admissão, arquivadas no CDH de Cataguases.

Outra forma de advertência que encontrei foi através da entrevista de Lecília Torres Araújo<sup>95</sup> quando ela me relatou como era seu trabalho na indústria. Muito menina trabalhava

<sup>95</sup> Entrevista de número 002 arquivada no CDH de Cataguases.

por necessidade financeira e talvez não percebesse que suas atitudes dentro da indústria eram consideradas indisciplina. Então levava bronca dos mestres ou contramestres da sessão. Ela nos contou que:

“...o mestre tinha dia que dava cada um empurrão na gente, beliscão, mas a gente precisava trabalhar né, tinha que tolerar...”<sup>96</sup>

Da mesma forma que D. Lecília contribuiu para este trabalho outro entrevistado, Edgard Mendes da Silva<sup>97</sup> também nos contou em conversa que era contramestre na Indústria Irmãos Peixoto. Trabalhou até se aposentar e quando atuava em sua função tinha autoridade de chamar a atenção de “qualquer um” trabalhador operário. Inclusive nos contou que teve uma greve, ele não se lembra a data, só se lembra que já existia sindicato e que ele chegou a dar suspensão a um operário porque tentou entrar na greve e os proprietários apoiaram seu ato de punição.

Como podemos perceber a disciplina era para ser seguida fielmente. O trabalho de produção dependia da não interrupção. Portanto essas advertências eram uma prática utilizada como forma de chamar a atenção para uma perfeita produção. E os contramestres tinham a responsabilidade de manter a disciplina na seção entre as tecelãs e os ajudantes de serviços gerais.

### **3.3 - O Trabalho como forma de dignificar o ser humano**

José Honório<sup>98</sup>, com 93 anos no ato da entrevista, trabalhava de “meia” ou a “terça”<sup>99</sup> ora produzindo milho, arroz ou café.

---

<sup>96</sup> Ibidem.

<sup>97</sup> Entrevista de número 006 arquivada no CDH de Cataguases. Este entrevistado faleceu no decorrer deste trabalho mais precisamente no dia 04 de junho de 2009.

<sup>98</sup> Entrevista de nº.001, arquivada no CDH de Cataguases. Este entrevistado faleceu no decorrer do trabalho, exatamente no dia 27 de julho de 2008.

<sup>99</sup> O significado desta expressão é a divisão em duas ou três partes, ficando uma delas para o proprietário das terras e a outra parte para o lavrador. Era uma prática constante trabalhar desta forma. O acordo verbal valia a honra masculina, era o mesmo que assinar um documento.

“(...) A produção que eu tinha era pra minha despesa e...pra engordar porco e...eu tinha um movimento que capaz de um situante [sitiante] de hoje não tê [ter]. Engordava capado, vendia pro açougue, tinha sempre dois, três porco engordando, porco magro....Eu sempre tinha um empregado sortero [solteiro] comigo. Eu tinha um quartinho de lá, ele dormia, pegava assiduamente no serviço comigo. Sempre tinha um sortero trabalhando comigo. (...)”<sup>100</sup>

O café era sempre trabalhado à meia. Quando ele disse ter “derrubado mato e formado uma lavoura de café”, nos revela um tempo em que a produção de café se expande sobre as capoeiras e sobre os poucos matos virgens ainda existentes na região, situando a técnica e o momento a exploração extensiva. Por esta época, devido a um problema de contrato de trabalho apalavrado não muito claro, que ele decidiu procurar a cidade, aborrecido por não ter combinado o valor a ser pago pela derrubada da mata com o proprietário. Nesta época, por volta da década 1930 ele já trabalhava para o filho do patrão. A fazenda onde morava já havia sido dividida entre herdeiros e ele já trabalhava para um dos filhos. Este novo proprietário dirigindo-se ao Sr. José e disse-lhe que o café não seria mais contratado a “meia” e sim de “preferência”<sup>101</sup>, ou seja, era para o Sr. José tirar a parte que ele precisasse e lhe passar dois contos. Assim o lavrador teria que vender o restante da produção passando o dinheiro para o proprietário. O lavrador não aceitou, achando muito alto a quantia exigida, ficou aborrecido e abandonou tudo.

“(...) Vendi tudo, porco, cavalo magro de sela, vendi tudo, tudo, tudo, mas avisei o patrão né? Avisei e ele:

- Cê vai? Se precisar? Como é que eu vou fazer? Se não der certo lá, cê volta? Seu lugar ta aberto, pro cê. (...)

Eu vim pra Cataguases pra trabalhar com Maurício Carrara, pra fabricar carroceria pra caminhão. Mas, sendo que ele atrasou muito na madeira, no (...) o Geraldo me apresentou eu, é onde eu comecei na Mecânica e Fundação Brasil.

Eu vim, arrumei a casa, arrumei direitim e a família ficou lá uns oito dias até eu chegar e bota os trem no lugar né? Vim pra Vila Minalda, de aluguel, pagava... 180 cruzeiros de aluguel que eu pagava. Depois eu na feliz que ele me fez preferência de ir pra Usina, trabalhar com Nerso de Sousa... eu...eles me prometero casa. A Usina me prometeu me dá três sacos de açúcar por ano e casa pra morar. Não me dero nem um quilo de açúcar nem casa pra morar. Me deu uma casa pagando...180 cruzeiros de aluguel (...) Mas, eu interessava em comprar logo minha casa. Comprei um terreno com uma casa velha. É onde eu moro hoje. Eu tinha trazido uma reserva, o dinheiro tava no Banco Hipotecário”. (...)”<sup>102</sup>

Sua entrevista teve uma característica marcante. À medida que o entrevistado ia se recordando dos acontecimentos, ele baseava-se no salário mínimo vigente. Pude perceber a

<sup>100</sup> Idem.

<sup>101</sup> É quando o lavrador tira da produção apenas uma pequena parte para seu sustento, vendendo o restante para pagar a quantia em moeda vigente, ao proprietário das terras.

<sup>102</sup> Entrevista de número 001, arquivada no CDH de Cataguases.

importância de se ter um salário, de ser reconhecido como trabalhador, porque até então o seu ganho de cada dia dependia das intempéries da natureza: colheita boa ou ruim. Portanto, vivia numa constante instabilidade. Durante a entrevista por várias vezes ele se emocionou quando recordava fatos já vividos. Fazia muita questão de colocar sua preocupação em conseguir comprar sua casa própria. Esta preocupação e empenho vem lembrar-nos a política de Vargas, que ao implantar novas condutas a serem seguidas através das leis trabalhistas reforça a condição do trabalhador brasileiro em dedicar-se ao trabalho fielmente em troca de uma conquista que ele acreditava não ser exatamente dele, e sim dado pelo patrão. Este sim era responsável por tudo que o empregado conseguisse na vida. O trabalho e a fidelidade dos operários faziam-nos acreditar numa generosidade patronal.

Qual seria a expectativa de vida destas pessoas naquela época? Diante do que ouvi a resposta era unânime. Ganhar o pão de cada dia e tentar adquirir moradia própria. O fato de estar explícito nos relatos orais ganhar a vida e moradia própria reflete bem às condições adversas vividas no campo. Essa primeira geração de operários vem de um mundo onde eles não são proprietários de terra, são posseiros, colonos, moradores, que vivem do expediente da produção por “meia” ou “terça”. O objetivo dos que vinham do campo era garantir o emprego e conseguir casa para a família morar, é o caso do entrevistado João Carlos<sup>103</sup>. Estas casas tinham um aluguel irrisório que era descontado no pagamento e dava mais tranquilidade à família que usufruía deste benefício. Em sua entrevista, João Carlos não contém a emoção quando fala da casa que morava e que era de sua inteira responsabilidade garantir o emprego para ter onde morar com a família.

“Eu me lembro que quando entrei pra fábrica é um fato bem curioso, eu era um menino ainda para a época. Eu era um menino e eu me lembro que a minha mãe estava tentando arranjar um emprego para mim na Manufatura. Eu me lembro que por várias vezes eu fui na Cia. Manufatura procurar emprego. E lá na Manufatura eu nunca consegui. Eu chegava, perguntava... eu era muito menino naquela época. A gente era muito bobo pra época, então eu me lembro que eu ia lá de calça curta e talvez aquela calça curta tenha me atrapalhado, porque eu me apresentava lá como uma criança pedindo emprego, não é verdade? Então eu me lembro que eu ficava observando e depois eu cheguei na conclusão que a calça curta me atrapalhou demais entrar pra Manufatura. Depois a coisa começou a apertar porque eu morava na casa da fábrica no Beco da Travessa Carvalho, hoje todo mundo conhece, mas que naquele tempo chamava-se Beco do Carvalho. Esse Beco Carvalho fica bem próximo da Igreja Nossa Senhora do Rosário, aqui na Vila, onde tem a Multifábrica hoje. Inclusive a casa que eu morei ela não existe mais, porque a Multifábrica adquiriu ela da Irmãos Peixoto e demoliu aquele correio de casas para que a fábrica pudesse ser aumentada de tamanho. Eu me lembro que a minha mãe disse assim:

- Ah! Vou procurar o meu sobrinho porque através do meu sobrinho eu vou arranjar um serviço pro Joãozinho (...)”<sup>104</sup>

<sup>103</sup> Entrevista de número 022 arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>104</sup> Entrevista de número 022, arquivada no CDH de Cataguases.

As famílias de fato tinham necessidade e intenção puramente em conquistar seu próprio espaço de moradia. Ter sua casa própria era uma “ambição” comum. Saíam do campo onde não eram donos, mas não tinham despesas com a moradia. Chegando ao espaço urbano percebem a diferença. No campo trabalhava e morava na responsabilidade do mesmo proprietário. Na cidade talvez fosse parecido, mas na maioria das vezes ter uma moradia da fábrica era enfrentar a concorrência ou ter a oportunidade na hora certa.

O valor atribuído à conquista de uma moradia própria, à moralidade da família deixa explícito mais um ponto de observância da origem da “cultura operária”. O núcleo familiar era o que movia esta estratégia no mercado de trabalho. Sem isto ficaria difícil desenvolver novas práticas profissionais e sociais.

### **3.4 - O valor das amizades**

Muitos operários eram semi-analfabetos, ocupando um cargo dentro de uma indústria, que também era novidade para o mercado de trabalho. Pessoas que normalmente vinham da lavoura e estavam acostumados a outro ritmo de vida e de trabalho. Suas conquistas eram limitadas. Muitas das vezes dependiam de alguma pessoa a qual consideravam “amigas”, para lhes apresentar na indústria e lhes conseguir uma colocação no novo mercado de trabalho. Nestas apresentações todo conhecimento social era utilizado para garantir uma inserção social e, quase sempre essas relações se transformavam em relações de “apadrinhamento” ou de verdadeiras amizades. Valores que substituíram a falta de qualificação profissional.

A amizade não era fator relevante somente para se conseguir um emprego na indústria. Também fazia parte da motivação dos trabalhadores, onde o respeito e reconhecimento que tinham pelos patrões se misturavam à amizade.

Ao me colocar em contato com os entrevistados pude perceber que cada um era portador de uma individualidade muito ligada ao companheirismo no trabalho fabril têxtil. Mas uma grande maioria era contraditoriamente inversa aos pensamentos e atitudes desses operários. Para não dizer maioria, digo quase todos eram praticamente gratos por terem um emprego digno. O trabalho era dignificante e as famílias tinham muita seriedade com o compromisso assumido com o patrão. Por exemplo, nos horários de troca de turma, ao tocar a

---



sirene da fábrica todos já estavam prontos e apostos na portaria para fazerem à troca. A sirene era uma forma de direcionar o operário à indústria.

Surge no decorrer das entrevistas um fato curioso ligado à gratidão dos operários pelo trabalho conquistado. Conta-nos a entrevistada Altina da Silva e Silva<sup>105</sup> que não se lembra precisamente do ano, mas relata que houve um incêndio na Indústria Irmãos Peixoto por volta de 1965 quando trabalhava no horário das 14 horas.

Operários e operárias trabalhavam quando começaram a ouvir os apitos da fábrica. O fogo estava na caixa de força que mantinha algumas máquinas em funcionamento. Por sorte tinha sido realizado um treinamento de incêndio nas indústrias da cidade e mesmo assim outras fábricas deram sua contribuição enviando caminhão pipa e pessoal habilitado para ajudar no incêndio. Altina disse que falavam de risco de explosão porque essa caixa de força usava óleo para manter as máquinas. Sem se lembrar de minuciosos detalhes lembram-se apenas que a fábrica interrompeu suas atividades naquele momento retornando no outro dia normalmente nas seções que não haviam sido atingidas pelo fogo, remanejando as operárias para outras funções.

O entrevistado Francisco de Assis Rodrigues<sup>106</sup> também nos confirmou este acontecido, completando informações de Altina dizendo que:

“(…) queimou muito pano, estragou muita coisa, explodiu um transformador (...) o transformador começou a ferver, ninguém percebeu aquilo (...) depois do acidente este transformador foi levado para a parte externa da fábrica (...) ele ficava exatamente perto da sala de pano onde tinha um depósito de pano (...) ele ferveu esquentando o cabo de força, quebrou e estourou levando fogo até o teto (...). O prejuízo foi muito grande”<sup>107</sup>.

Diante disso José Rodrigues conta que se juntou com Epifânio, Antônio Mota e José Alves, todos funcionários da Indústria Irmãos Peixoto, e elaboraram um projeto junto ao Sr. José Peixoto, na época proprietário da fábrica, para ajudar na recuperação do prejuízo. A proposta era trabalhar sábado e domingo de graça. José Peixoto ficou “satisfeito e comovido” e os operários (as) aceitaram e trabalharam durante quatro sábados e quatro domingos. Eles tinham que ajudar, disse Francisco Rodrigues, “os ânimos mudaram e a fábrica daí por diante foi só superando sua produção e venda”.

---

<sup>105</sup> Entrevista de nº 008 com Altina da Silva e Silva arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>106</sup> Entrevista de nº 013 com Francisco de Assis Rodrigues, arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>107</sup> Ibidem.

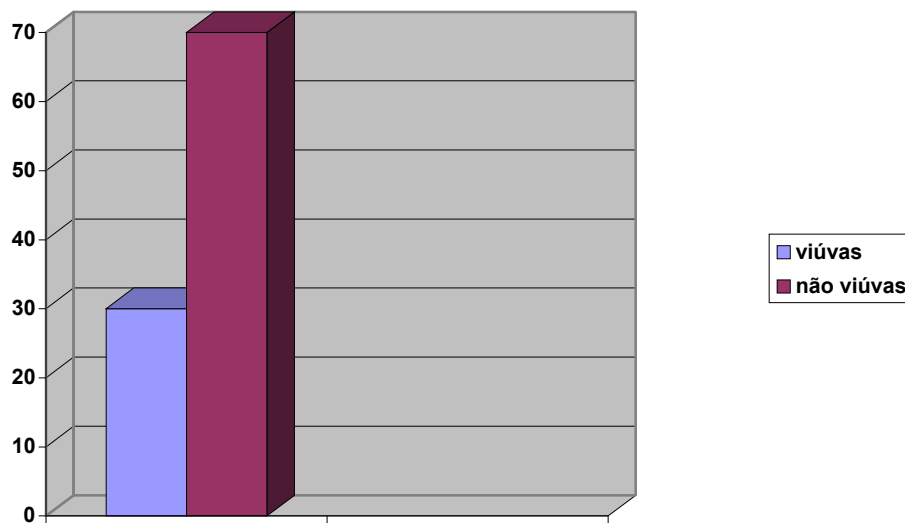
Este fato comprova mais uma vez a veracidade dos fatos quando disse que operários tinham generosidade patronal. A cumplicidade entre patrão, operários e trabalho era explícita. Uma amizade atrelada à gratidão dava uma nitidez do que chamamos de “cultura operária”.

### 3.5 - A viuvez e a moralidade

Por várias vezes ouvi alguns dos entrevistados dizerem que o pai havia adquirido certo tipo de doença, impossibilitando-o de exercer suas funções no trabalho ou até mesmo que a mãe ficara viúva com vários filhos, alguns até menor de idade. A permanência da viúvas foi fato que analisando o histórico das entrevistas me chamou a atenção.

#### Gráfico 1

Percentual das mulheres viúvas entrevistadas e citadas nas entrevistas.



Normalmente as famílias tinham muitos filhos e eles ficavam responsáveis muito cedo em manter as despesas da casa. Estes quando completavam idade ou quando tinham um porte físico razoável eram encaminhados a uma fábrica para ajudarem no sustento do lar. Diziam também que por menor que fosse o salário, este fazia diferença nas compras do mês, ou seja, nas compras de mercado. O salário adquirido com o trabalho era para suprir a necessidade de alimentação na família.

“(...) Eu me lembro que era muito interessante por que... era uma pratinha que hoje é essa de um centavo que vinha dentro do envelope (...). Nossa... muita coisa! Eu saía da fábrica, passava no armazém, fazia as compras todas da casa com aquela pratinha e levava muita coisa que eu gostava... toda vida eu gostei muito de comprar muito... é... ter minhas latas cheias no armário. Comprava muita coisa e ainda sobrava dinheiro (...). Foi aí que eu proibi a minha mãe de lavar roupa. Primeiro mês eu já fiz compra. (...) Era eu e ela e eu assumi as despesas da casa. (...)”<sup>108</sup>.

A entrevistada, Eni de Almeida descreveu sua família composta de mãe, duas irmãs e ela. As duas irmãs trabalhavam no Rio de Janeiro em casa de família e ela ficou com a mãe que era lavadeira, porque seu pai não morava com elas. Seu maior sonho era ver a mãe parar de trabalhar, ficar em casa e conseguir manter as despesas.

Ser viúva e não mais se casar é um valor de família honesta. E pelo que nos consta nas entrevistas, as famílias das primeiras décadas do século XX preservavam essa moralidade. As esposas viúvas deveriam passar para seus filhos valores que viessem a ser parte de suas vidas futuras. Por isso era tão preservada a viuvez.

### 3.6 - A menoridade do operariado têxtil

Das 39 entrevistas 25 relataram ter trabalhado antes da idade permitida, chegando inclusive a alterar idade sonhando em serem aceitos na fábrica. Esta era uma prática constante e tida como normal. Trocar a certidão de nascimento para fins de trabalho<sup>109</sup> ou para fins escolares<sup>110</sup> ajudava a família ter uma renda um pouco maior. Do restante dos entrevistados apenas 14 se tornaram operários quando adquiriram maioridade.

Ricardo Medeiros Pimenta<sup>111</sup> relatou que desde meados de 1920 o trabalho era permitido para maiores de 14 anos, mas a idade não era empecilho para os industriais, uma vez que a própria administração da fábrica permitia e aceitava a alteração dos registros para empregar os menores que ajudavam no orçamento familiar.

Exemplo desta prática tem o relato de Eni de Almeida Correa<sup>112</sup>, que nos conta como foi que conseguiu emprego:

<sup>108</sup> Entrevista de nº 007, com Eni de Almeida Correa, arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>109</sup> Anexo 20.

<sup>110</sup> Anexo 21.

<sup>111</sup> PIMENTA, Ricardo Medeiros, *Entre os retalhos do trabalho esquecido: narrativa, memória e história dos trabalhadores têxteis no Rio de Janeiro*, p. 74, S/data.

<sup>112</sup> Entrevista de número 007, arquivada no CDH, em Cataguases.

“Eu era muito pequena e fui e me encaminhei pedindo serviço ao chefe que na época era o Luiz Colomboni, um homem muito bom, humano. Pedi a ele um serviço que precisava trabalhar para ajudar minha mãe que era lavadeira e ele ficou com muita pena de mim e me pediu que eu arrumasse os documentos porque ele não poderia me dar o serviço direto porque eu só tinha 12 anos e só empregava com 14. Então eu consegui a me registrar, eu mesma, fui no cartório, era o Sr. Alfredo, pedi a ele, ele fez uma certidão pra mim constando 14 anos. Eu já tinha o diploma que eu tirei com 12 anos e encaminhei a ele os documentos com 14 anos. Aí ele disse pra mim que eu era muito pequena e magrinha e que eu não agüentava serviço de fábrica, mas que ele ficou com muita pena e gostou de ver meu modo de ir lá pra ajudar minha mãe. Aí ele me pôs, me deu o serviço e me pôs num bebedouro de água gelada. Eu não alcançava no balcão, ele mandou fazer uma grade na altura do balcão que eu desse na altura do balcão. E ali eu permaneci muito tempo dando água aos operários que trabalhava. Eu servia, eles me davam o copo, eu enchia na água gelada e passava no balcão. Trabalhei ali 10 anos na Industrial. Dali do bebedouro eu encaminhei para uma cessão que fazia espula, chamava-se maquininha. (...)”<sup>113</sup>.

Ficou claro a aceitação de menores no trabalho industrial e sem contar que esta mesma entrevistada nos relatou que após sua documentação ter ficado pronta a indústria alegou não ter serviço apropriado para ela devido a sua altura. Mas como era filha de uma lavadeira conhecida na cidade, “por conhecimento” foi empregada.

Nas indústrias no início do século XX era comum o emprego da mão-de-obra menor de idade. Através dos testemunhos orais registrei vários relatos de ex-operários (as) que disseram ter-se iniciado no trabalho com idade ainda não permitida legalmente. A necessidade imposta pelo novo ritmo de trabalho, pelas máquinas implantadas na produção e a própria necessidade da população recém cidadina delimitava suas exigências: porte físico e serem filhos de “boa família”. O porte físico permitia absorver indivíduos de várias idades. O trabalho nas máquinas exigia um novo corpo para condicionar-se ao trabalho, mas como ainda não tínhamos uma mão-de-obra qualificada disponível no mercado para preencher as necessidades do momento, eram aproveitados os interessados em trabalhar para melhorar o orçamento doméstico. Já que esta era a exigência conclui-se que a idade ainda não era um conceito, um critério que qualificava os interessados para as novas atividades profissionais.

O entrevistado João Carlos<sup>114</sup> que trabalhou na Indústria Irmãos Peixoto, começando aos 15 anos, no ano de 1959 iniciou seu trabalho na indústria com a função de ajudante no setor de tecelagem, mas sabendo por parte dos companheiros de jornada que iria passar pela “vassoura”, uma função atribuída aos aprendizes; ao saber ficou apreensivo, contudo acreditava que com ele seria diferente, já que não iniciou suas atividades varrendo corredor. Qual foi sua surpresa quando o mestre de sua seção colocou em suas mãos a tão falada

---

<sup>113</sup>Idem.

<sup>114</sup> Entrevista de nº022, arquivada no CDH de Cataguases.

vassoura e informou-lhe que a partir daquela hora ele passaria a varredor. João Carlos sentiu aquela mudança como uma humilhação perante os colegas de trabalho, seu choro no exato momento reflete a fragilidade da infância, ainda criança deveria assumir uma função propícia à idade.

(...) Eu me lembro que quando eu fui trabalhar às dezoito horas, naquele turno, não demorou muito o Sr. Antônio Feijó chegou perto de mim com uma vassoura na mão e disse pra mim assim:

- Olha! Essa seção aqui você vai varrer. Eu era tão criança naquela época e eu já estava dentro de uma fábrica que eu me lembro que é...olha! Eu to querendo chorar aqui.

Quando colocou a vassoura na minha mão, é... deixa eu tomar um fôlego?

Quando colocou a vassoura na minha mão eu comecei a chorar”.

Após esta afirmação, relato outra parte da entrevista feita com um ex-operário, João Carlos de Oliveira<sup>115</sup>, Ao iniciar no trabalho foi pedida a carteira de trabalho e na época usava-se tirar a “Carteira de Menor”. Somente quando se completava 18 anos é que o Decreto Lei<sup>116</sup> 5452/01.05.43<sup>117</sup> autorizava a transferência para a Carteira Profissional Definitiva, ou seja, Carteira de Maior Idade. Quando o depoente cita este fato referente às carteiras não teve como exemplificar, mas outro depoente, Edgard Mendes da Silva<sup>118</sup> nos exemplifica colocando à disposição deste trabalho suas carteiras profissionais<sup>119</sup>. João Carlos disse que sentia seu trabalho como o de um adulto e recebia salário de um “menor”.

Pimenta<sup>120</sup> também analisou a parte salarial dos operários e concorda que em “muitas vezes ganhando menos que um adulto, as crianças eram em número expressivo como maioria no meio operário”<sup>121</sup>.

João Carlos compreendia ter direito aos benefícios dos operários de maior idade e um deles era o direito de morar em uma casa cedida pela fábrica.

<sup>115</sup> Entrevista de nº. 022, arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>116</sup> CARRION, Valentin, *Comentários à Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT*, atualizada e ampliada por Eduardo Carrion, 27ª edição, Editora Saraiva, São Paulo, 2002.

<sup>117</sup> Decreto Lei nº 5452, de 1º de maio de 1943 da Carteira de Trabalho e Previdência Social (Redação dada pelo Decreto Lei nº 926 de 10.10.1969) Art. 13 – A carteira de trabalho e previdência social é obrigatória para o exercício de qualquer emprego, inclusive de natureza rural, ainda que em caráter temporário, e para o exercício por conta própria de atividade profissional remunerada.

<sup>118</sup> Entrevista de número 006, arquivada no CDH em Cataguases. Este entrevistado faleceu no decorrer do trabalho, mais precisamente em 04 de junho de 2009.

<sup>119</sup> Anexos 22.

<sup>120</sup> PIMENTA, Ricardo Medeiros, *Entre os retalhos do trabalho esquecido: narrativa, memória e história dos trabalhadores têxteis no Rio de Janeiro*, S/data.

<sup>121</sup> PIMENTA, Ricardo Medeiros, *Entre os retalhos do trabalho esquecido: narrativa, memória e história dos trabalhadores têxteis no Rio de Janeiro*, p. 73, S/data.

Este operário, a partir do ano de 1971, após seu casamento, passou a estudar à noite, cursando o ginásio e depois cursou o técnico de contabilidade. Ele estudou no colégio Antônio Amaro e chegou a uma aposentadoria no dia dois de janeiro de 1998, ocupando o cargo de Encarregado de Controle de Produção e Custos. E como ele mesmo disse: “trabalho conquistado através do meu esforço e através também das grandes amizades que eu consegui fazer”<sup>122</sup>.

As lembranças dos antigos dias de trabalho causam emoção e às vezes dor. A condição imposta pelo trabalho interrompia a infância, ou parte dela. A menor Isolita de Paiva<sup>123</sup> teve não só sua infância interrompida como também sua vida. Foi no dia 27 de dezembro de 1923 quando trabalhava na Indústria Irmãos Peixoto e Cia., às 08h30min da manhã quando a jovem criança, de cor parda, filha de Sebastião de Paiva e de Antônia Augusta de Paiva teve seu corpo imprensado nos tambores de uma máquina têxtil ficando de cabeça para baixo e vindo a falecer imediatamente. O barulho que sucedeu no momento chamou a atenção de outros (as) companheiros (as) de trabalho, que rapidamente foram chamar o contra mestre da cessão que em seguida chamou o responsável e proprietário. A máquina foi parada, chamaram-se o farmacêutico José Esteves e o Dr. José Lima Ribeiro de Almeida. Constatada a morte da vítima, o processo correu em seus parâmetros legais e o delegado de polícia Dr. Francisco de Paula Faria e Sousa pediu às testemunhas seus depoimentos. Neste momento há mais uma comprovação da menoridade na indústria têxtil, duas testemunhas também eram menores de idade. A primeira testemunha foi Antônio Silva de 14 anos e a segunda Delfina Borges de 15 anos e operária há cinco anos, portanto, admitida aos 10 anos de idade.

Analisando um pouco mais este processo pude perceber que era uma prática da época, os pais ou responsáveis assinarem um termo de compromisso ou responsabilidade ao permitir que seus (as) filhos (as) trabalhassem enquanto menor. Não tive acesso a este documento em específico, mas parte do processo confirma que isto acontecia.

“Em observância ao artigo 45 do Decreto Federal número 18498 de 12 de março de 1919, vem os abaixo assinados apresentando em cartório as declarações exigidas, juntamente também o acordo firmado por Sebastião de Paiva e sua mulher, herdeiros necessários de sua filha Isolita de Paiva e os proprietários da Fábrica de tecidos Irmãos Peixoto e Cia. e o jornal leal “O Município”, onde se lê o agradecimento da família de Isolita”<sup>124</sup>.

---

<sup>122</sup> Entrevista de nº 022, arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>123</sup> Processo Civil – CAT 2 – CV – 14121 de 1923.

<sup>124</sup> Transcrição de parte do processo civil CAT 2-CV-14121 de 1923, página 11, onde há uma clareza quanto à prática e autorização dos pais em relação ao vínculo empregatício de seus filhos. Subtendi que era uma conduta

Estando no Brasil e se tratando da CLT de 1943 que permitia o trabalho do menor a partir dos 12 anos de idade, ainda não estava validado por lei este termo de compromisso do responsável. Porém o Decreto Lei nº. 926, de 10.10.1969, art. 17, parágrafo 1º diz que “tratando-se de menor de 18 anos, as declarações previstas neste artigo serão prestadas por seu responsável legal”<sup>125</sup> veio colaborar com o que já acontecia.

Sendo assim, os menores trabalhadores do setor têxtil muitas vezes ganhando menos que um adulto, era em número como maioria no meio operário. Faziam parte de uma mão-de-obra “barata”, “dócil” e quase “agradecida”.

## Quadro 6

Porcentagem dos operários de menor idade da Indústria Irmãos Peixoto nas décadas de 1908 a 1984.

<b>Nº. fichas analisadas</b>	<b>Idade</b>	<b>Quant.</b>	<b>%</b>
4287	09 anos	01	0,02
	13 anos	02	0,04
	14 anos	569	13,27
	15 anos	536	12,5
	16 anos	389	9,07
	17 anos	325	7,58
	18 anos	260	6,06

Fonte: Fichas de admissão e demissão da Indústria Irmãos Peixoto, arquivadas no CDH de Cataguases.

E foi assim que os pais da jovem operária Isolita de Paiva reconheceram o que foi feito por eles no dia do sepultamento de sua filha. Em nota, colocada no jornal da cidade, reconheceram; que ironia! E agradeceram por tudo que receberam<sup>126</sup>.

---

rotineira os pais autorizarem seus filhos, fosse qualquer idade, a trabalharem nas indústrias. Segue como ANEXO 23 o documento original desta transcrição.

<sup>125</sup> CARRION, Valentin, *Comentários à Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT*, atualizada e ampliada por Eduardo Carrion, 27ª edição, Editora Saraiva, São Paulo, 2002.

<sup>126</sup> Agradecimento pela atenção no funeral da jovem Isolita, Processo Civil-BR.CAT-2-CV-14121 de 1923, processo arquivado no CDH de Cataguases. Anexo 24.

Ainda relatando a respeito da autorização para menores trabalharem nas indústrias têxteis de Cataguases, temos parte do depoimento do entrevistado Idimar Vilela<sup>127</sup> onde fala de um tempo em que tinha 13 anos e alguns meses e que neste mesmo período carregava almoço e jantar para alguns dos trabalhadores da construção da Cia. Industrial Cataguases. Chegando lá em uma tarde, exatamente no dia primeiro de março de 1948 ele deparou-se com o proprietário da fábrica e disse muito afobado que queria trabalhar dentro da fábrica, carregando espula<sup>128</sup>. O proprietário paternalmente lhe respondeu dizendo que, primeiramente, se cumprimenta e deu-lhe um “Bom Dia” e em seguida, perguntou-lhe se tinha mesmo vontade de trabalhar e quantos irmãos tinham em sua casa. Ele respondeu ter mais sete irmãos querendo ajudar os pais no orçamento familiar. Então o proprietário tirou um cartão do bolso, que o próprio Idimar disse estar escrito a mão, onde se lia: “autorizo meu filho de menor a trabalhar em sua fábrica”. Imediatamente ele levou o cartão para casa, providenciou a documentação juntamente a um retrato para a expedição de uma carteira de trabalho para menor. No dia dezesseis de março, quinze dias após sua conversa com o proprietário, Idimar Vilela estava trabalhando como operário.

### **3.7 – Comemorações e festividades na indústria**

A fábrica em si não era só trabalho, também tinham suas oportunidades de lazer. Foram várias as entrevistas que me disseram da comemoração do Dia 1º de Maio, de participação dos operários e operárias nos desfiles carnavalescos, de uma banda de música composta por operários, de um time de futebol e de um incentivo que era a eleição do Operário Padrão.

O dia 1º de Maio era iniciado bem cedinho com a banda musical passando pelas ruas centrais da cidade em alvorada. Nas praças um aglomerado de operários se reunia para passar o dia. Passeios de trem eram programados para que quem pudesse e quisesse ir conheceria outras localidades da redondeza. Muitas moças e rapazes aproveitavam este dia para se divertirem porque os pais não liberavam as moças para passeios e divertimentos que pudesse “ferir a honra e conduta de uma moça”. Mas como era uma comemoração da fábrica muitos

---

<sup>127</sup> Entrevista de nº 10, arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>128</sup> “A espuladeira repassa o fio-trama dos cones para as espulas, onde os fios são enrolados e são colocados dentro das lançadeiras. Espulagem ou espula de trama é a denominação dada à forma de acondicionamento do fio-trama em pequenos tubos cilíndricos, próprios para serem alojados na lançadeira do tear”. (SILVA, Lucilene Nunes, 2005, p. 128).



pais deixavam suas filhas acompanharem essas festividades porque diziam que era um lazer oferecido pelo trabalho e que por isso tinham que participar assegurando seu emprego.

As bandas musicais tinham seus ensaios feitos nas residências dos próprios operários. Não temos muitas informações desta banda, mas sabemos que a Cia. Industrial é quem dava maior ênfase a este entretenimento através de um determinado funcionário que era o responsável pela aquisição dos instrumentos através da indústria e pelo acompanhamento dos ensaios. O Sr. Idimar em sua entrevista não se recordou do nome da pessoa responsável por esta banda<sup>129</sup>

Também nos foi relatado<sup>130</sup> que por várias vezes a Indústria Irmãos Peixoto deixava que os interessados pelos desfiles de carnaval montassem suas carruagens e carros alegóricos nas calçadas da fábrica por não terem espaço reservado para tal.

Outro fato que foi significativo nas entrevistas foi a eleição e premiação do Operário Padrão. Foi possível localizar na cidade a primeira operária padrão da cidade de Cataguases, Maria Mendes Neto<sup>131</sup>. Ela nos relatou que os candidatos e candidatas eram escolhidos por um funcionário chamado José do Carmo que trabalhava no Departamento Pessoal da fábrica. D. Maria, diante de sua simplicidade e honestidade não votou nela própria. Achou que seria suficiente se votasse em uma companheira de trabalho que no seu entender merecia mais do que ela própria. Fazendo um parêntese no assunto, D. Maria em outra situação na fábrica, recebeu seu salário em um determinado mês e percebeu que dentro do envelope continha um salário mínimo vigente e ela recebia apenas meio salário. Então foi capaz de devolver à fábrica a outra metade, ficando somente com o que era seu de direito.

Voltando à eleição de operário padrão, Maria Mendes foi a candidata vencedora e com isto ganhou uma companheira com um certo ar de desprezo pela sua pessoa, que foi Maria José. Esta colega imaginou ser a vencedora e não aceitou a vitória de Maria Mendes. Até o dia desta entrevista D. Maria não havia contado a ninguém do seu voto. Guardou como segredo, mas resolveu compartilhar com este trabalho revelando seu voto.

Com a vitória de Maria Mendes, ganhou uma viagem a Belo Horizonte onde nunca havia ido. Como era uma pessoa casada e com filhos conseguiu outra companheira de trabalho para acompanhá-la, chamada Nadir. Chegando lá ficou hospedada em um hotel de luxo, juntamente com outros operários ganhadores das eleições de outras cidades brasileiras. A recepção foi com uma reunião à noite, no SESI de Belo Horizonte, com “muita gente

---

<sup>129</sup> Anexo 25.

<sup>130</sup> Entrevista com Haydee Marques da Silva, número 018, arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>131</sup> Entrevista de número 003, arquivada no CDH de Cataguases.

chique”<sup>132</sup>, um discurso que ela disse ter sido maravilhoso direcionado a ela e à sua família, onde Maria Mendes trajava um sapato que havia mandado pintar e um vestido de tecido de uma banca, ou seja, tecido barato, afinal ela não tinha a menor condição financeira de se vestir melhor.

Ainda em Belo Horizonte, Maria Mendes recebeu várias premiações, sendo uma, considerada por ela a mais importante e que não chegou a receber, foram vinte e cinco indústria de tecidos que a presentearam com cortes de tecidos. Nesta hora ela recebeu um cartão onde dias após as comemorações retiraria o prêmio. A amiga Nadir que a acompanhou ficou de posse deste cartão e chegando à Cataguases entregou ao operário Nelson Batista que iria em viagem à Belo Horizonte. Desde então ela nunca mais recebeu nem o cartão, nem o prêmio. Outros prêmios lhe foram entregues, como: uma garrafa de café térmica, alguns outros cortes de tecidos, cortes de flanela (outro tipo de tecido) e uma quantia em dinheiro que ela não se lembra quanto.

Ao retornar à Cataguases, Maria Mendes foi recebida no antigo Clube Social e conversando com o Sr. Waldir e Alzir Arruda, disseram-lhe que estariam de consciência pesada se não tivessem votado nela. Após alguns dias foram distribuídos na cidade alguns folhetos e um breve livro contando desta eleição em Cataguases, mas Maria não tem guardado nenhum destes artigos para ilustrar nosso trabalho.

D. Terezinha Lessa<sup>133</sup> foi outra Operária Padrão de Cataguases<sup>134</sup>. Recebeu suas honras podendo aproveitar de certas regalias como se hospedar em hotel de luxo para a época além de ter sido apoiada pelo marido. Nesta época ela já era casada e como era uma comemoração vinda da fábrica baseada no emprego que tinha tudo era respeitado e aceito. Ao receber sua premiação em Belo Horizonte foi a única mulher dentre os operários escolhidos em suas respectivas cidades<sup>135</sup>. D. Terezinha ainda tem como ilustração para este trabalho e para sua honra fotos de sua chegada em Cataguases, sua premiação e seu diploma, afinal foi uma operária dentre poucas que foi considerada modelo padrão para Cataguases<sup>136</sup>

Outra entrevistada, Haydee Marques<sup>137</sup>, operária da Indústria Irmãos Peixoto, foi Operária Padrão de Cataguases. Durante treze anos trabalhou nesta mesma indústria, tendo sido tecelã, depois encarregada e mais tarde supervisora de tecelagem. Trabalhou durante 36 anos e aposentou-se em 1968. Durante seu período trabalhado casou-se e teve filhos. Ao casar

---

<sup>132</sup> Fala da entrevistada Maria Mendes Neto, entrevista de número 003, arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>133</sup> Entrevista de nº. 029 com Terezinha Campos Lessa, arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>134</sup> Anexo 26.

<sup>135</sup> Anexo 27.

<sup>136</sup> Anexo 28

<sup>137</sup> Entrevista de número 018 com Haydée Marques, arquivada no CDH de Cataguases.

teve licença de quinze dias e como era comum imediatamente engravidar devido a não prevenção de natalidade, logo engravidou precisando ficar afastada de seus serviços. Durante o período que esteve em casa, tendo direito ao benefício concedido pelo órgão governamental INSS não foi pedir benefício. No período que esteve ausente da fábrica não tinha salário por não ter entrado com o recurso de benefício. Após seu retorno o Sr. Manuel Peixoto, proprietário da indústria, a entregou um valor monetário, “porque ele quis e não porque ela pediu”<sup>138</sup> referente ao espaço de tempo em que esteve de licença.

Como disse anteriormente, Haydee, foi a segunda operária padrão eleita dentro da indústria Irmãos Peixoto. Como de costume a eleição era feita no horário de serviço e quem estava presente votava. Como não coincidiu ser horário em que Haydee trabalhava, ela mesma não votou nela, mesmo assim foi a vencedora. Neste íterim recebeu todas as honras já citadas acima e chegando a Cataguases, sua recepção foi no Clube do Remo onde esteve presente Chico Peixoto, um engenheiro da Cia. Força e Luz e um funcionário que representava a Cia. Industrial de Cataguases<sup>139</sup>. Em seu relato não soube nos dizer se outros operários a assistiam nesta recepção. Dos prêmios recebidos D. Haydee ganhou uma quantia em dinheiro que só foi retirar da fábrica depois de quatro meses. Neste período da eleição e das comemorações ela estava de luto, pois sua mãe havia falecido. Ao retirar seu prêmio em dinheiro não pensou em mais nada a não ser dar uma sepultura digna a sua mãe, que havia sido enterrada em “cova rasa”<sup>140</sup>. Foi ao cemitério local, comprou um túmulo e quando completou tempo para transferir o corpo assim o fez.

As comemorações e festividades realizadas através da indústria sempre foram apoiadas e aprovadas pelos operários (as). O círculo social em que viviam não lhes proporcionava tais oportunidades. A família sempre estava de acordo com a ausência das moças quando era dia de festa. Vale a pena lembrar dos valores que eram cultivados. Por esta razão D. Haydee não teve outra opção com a quantia que recebeu a não ser investir seu prêmio na compra de um jazigo perpétuo.

Diante desta evidência fica mais uma vez demonstrado como era real a presença dos valores morais. Era assim que as famílias viviam, passando de geração a geração seus costumes e valores.

---

<sup>138</sup> Fala da entrevistada Haydee Marques, em entrevista de número 018, arquivada no CDH de Cataguases.

<sup>139</sup> Anexo 29.

<sup>140</sup> Sepultamento feito sem túmulo em um espaço apropriado para a circunstância dentro do cemitério. Caso a família venha a adquirir um jazigo então o corpo é retirado e levado ao lugar determinado.

## Conclusão

Considerando os levantamentos realizados juntamente aos depoimentos recolhidos e finalizando com a análise de todo o conjunto de material, percebe-se que Cataguases era um município eminentemente rural, não fugindo aos demais da época, favorecida pela produção agrícola auxiliando-a no direcionamento da construção e crescimento de sua estrutura física interna.

O trabalho desenvolvido nesta dissertação de mestrado procurou mostrar uma cultura operária que surgia à medida que o processo social foi se instaurando de forma eficiente, direcionando seu capital acumulado e iniciando uma passagem para o modo de vida urbana no início do século XX.

O desenvolvimento de uma economia industrial, aliada ao pano de fundo de uma região agrícola foi importante para o desenvolvimento de investimentos realizados como: estrada de ferro, instalação da Cia. Força e Luz geradora de energia elétrica para Cataguases e região, urbanização da Cataguases, crescimento da praça comercial, tudo isto graças ao apoio da Câmara Municipal, de investimentos dos pioneiros industriais, da elite local e regional e de imigrantes comerciantes que investiram seu capital acumulado através do comércio no setor manufatureiro.

Esta pesquisa trouxe à tona aspectos ligados à cultura operária da cidade citadina através de documentação arquivada no Centro de Documentação Histórica de Cataguases, que funciona em um espaço físico da antiga Indústria Irmãos Peixoto e de entrevistas com ex-operários (as) das indústrias da cidade que serviram para recuperar a memória oculta das pessoas que fizeram parte de um novo impacto na economia e na sociedade cataguasense.

Inicialmente a indústria surge com uma presença forte da mão-de-obra infantil. Famílias vindo do campo, sem qualificação profissional, que realizavam seu aprendizado fabril têxtil dentro do próprio local de trabalho. A inquietação da população rural em busca de novas oportunidades permitia-lhes novos acessos sociais e culturais.

O alicerce que foi utilizado para a compreensão do desenvolvimento histórico e evolutivo desta nova sociedade industrial foi a memória. Dessa forma a memória social configurou problemas do tempo e da história que ora estão em retraimento, ora estão em transbordo.

Com a utilização desta metodologia foi possível perceber uma grande interação entre operário e indústria. Pareceu-me que todos, ou boa parte dos entrevistados, tinham um mesmo

sentimento em relação à indústria. Assim conseguiram passar suas emoções reafirmando que trabalhar era dignificante, que o ambiente era familiar e que as amizades feitas na fábrica permanecem até os dias atuais.

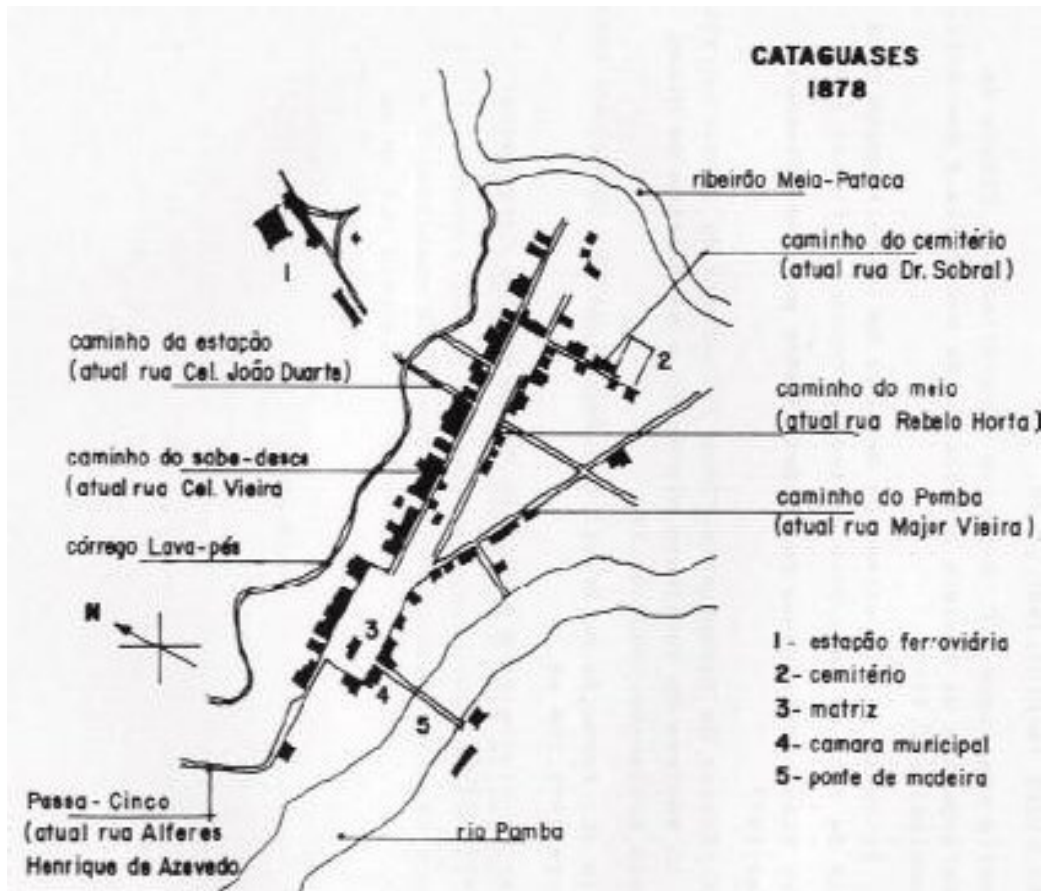
O desenvolvimento de todo o processo seletivo do trabalho com as fontes orais esteve diretamente relacionado ao fator tempo para um perfeito processo de transcrição. Essa atividade exigiu uma disponibilidade de tempo, dedicação e escuta aguçada, configurando um momento de grandes descobertas. Com a ajuda dos recursos modernos tecnológicos pude retornar a fala dos entrevistados quantas vezes fossem necessárias, podendo pontuar com maior detalhe, tensão, tristeza, alegria, hesitações e expressões faciais lembradas e ocorridas durante a entrevista. Os sentimentos representados pelo riso, pelo choro, pelo silêncio, aparecem constantemente. Isso me fez analisá-los sempre dentro desse contexto, pois uma frase ou palavra dita com riso ou com choro não pode ser analisada isoladamente. Foram necessários muitos momentos para situar-me dentro do contexto daquele discurso. Tal processo de valorização da memória demonstrou a participação ativa da população rural-industriária-urbano no novo segmento da sociedade.

Procurei neste trabalho reestruturar o passado, pois cada historiador pode fazê-lo a partir de uma determinada condição do presente, ou seja, com condições próprias e reais dos fatos apresentados. Não existe uma história universal e total, mas várias histórias, vários recortes que a compõe. Por essa razão, não é possível conhecer o passado “como ele de fato foi”, porque ele se altera, dependendo das leituras e releituras que são feitas a seu respeito. Para a realização da investigação constituiu-se um *corpus* empírico composto por documentos textuais, orais e iconográficos, entre eles: relatórios, jornais, boletins, fotografias, cartas e objetos, mas o enfoque maior foi dado aos documentos orais produzidos a partir do uso das entrevistas.

Esta pesquisa trouxe para o presente momento aspectos que talvez seus atores não tivessem interesses em explicitar. Mas ao fazê-lo se sentiram parte integrante de uma história.

Organizado todo o material mediante a análise detalhada em função dos objetivos propostos, foi possível formular critérios que caracterizaram os testemunhos da história, bem como a veracidade dos fatos e da elaboração da escrita sobre considerações finais onde se espelham o resultado do processo de desenvolvimento industrial gerando uma cultura operária na sociedade que a pesquisa propôs.

## Anexo 01



Esboço urbano de Cataguases/1878  
 Fonte: Memória e Patrimônio Cultural - 1

**Anexo 02**

Fotos da Rua X, atrás da Igreja Santa Rita, em Cataguases, mostrando obras da administração

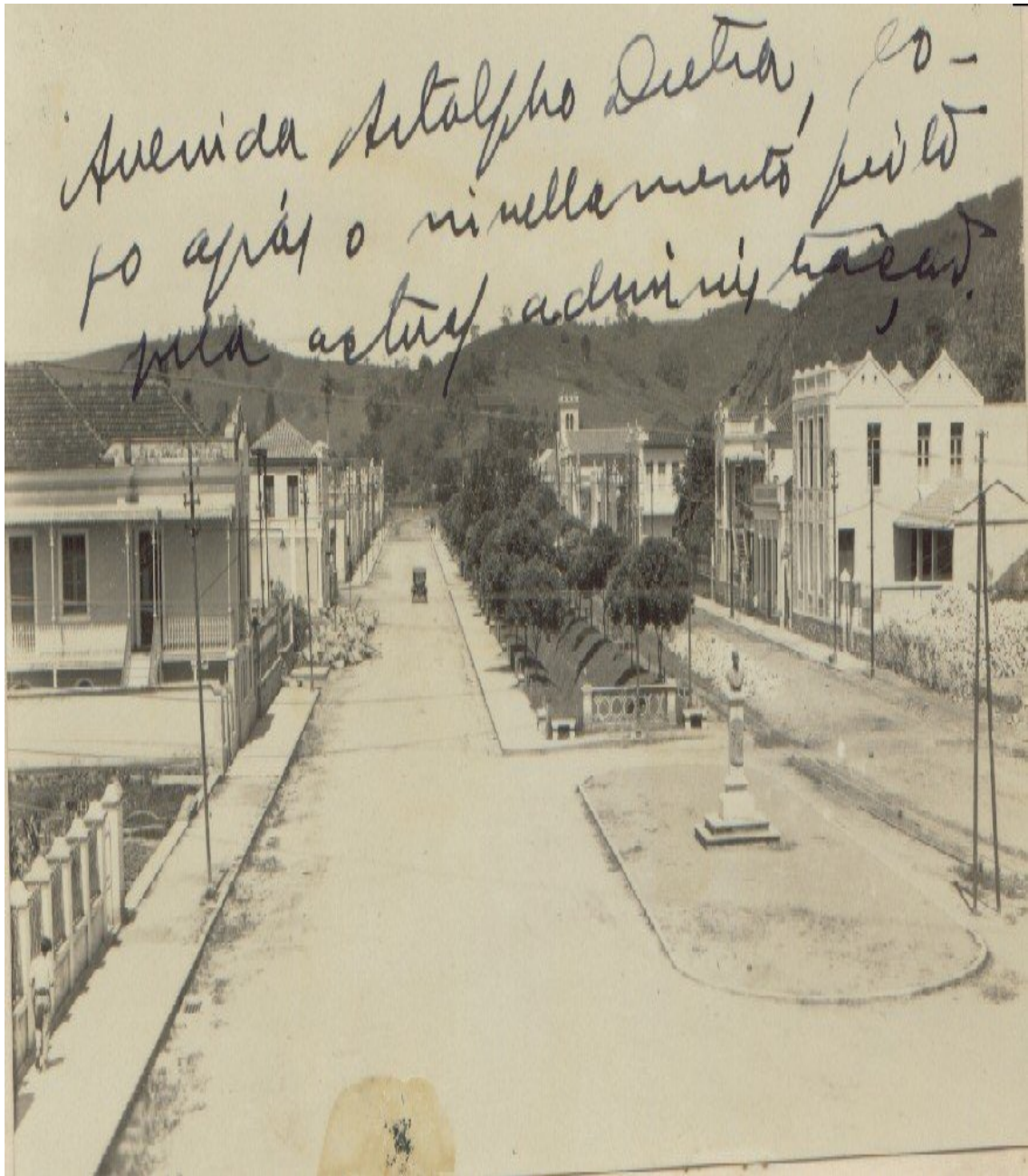
**Anexo 03**

Foto mostrando o nivelamento nas Ruas da Avenida Astolfo Dutra, em Cataguases,  
Fonte: Processo CAT-1-CR-3918, arquivado no CDH de Cataguases.



## Anexo 04



Foto mostrando a Casa dos Filtros, em Cataguases.

Fonte: Processo CAT-1-CR-3918, arquivado no CDH de Cataguases.



Foto mostrando a instalação da casa dos filtros, em Cataguases, e dos equipamentos que a compunham. .

Fonte: Processo CAT-1-CR-3918, arquivado no CDH de Cataguases.

**Anexo 05**

Foto mostrando as obras feitas no Distrito de Vista Alegre, Município de Cataguases.  
Fonte: Processo CAT-1-CR-3918, arquivado no CDH de Cataguases.

## Anexo 06



Foto mostrando a construção de uma ponte em Cataguases.  
Fonte: Processo CAT-1-CR-3918, arquivado no CDH de Cataguases.

**Anexo 07**

Construção da estrada que liga Cataguases a Mirai.  
Fonte: Processo CAT-1-CR-3918, arquivado no CDH de Cataguases.

**Anexo 08**

Foto do Porto de Santo Antônio, hoje se considera Município de Astolfo Dutra.  
Fonte: Processo CAT-1-CR-3918, arquivado no CDH de Cataguases.

**Anexo 09**

## Relação de alguns dos acionistas

<b>Nomes dos acionistas</b>	<b>Residências</b>	<b>Nº de Ações</b>
Affonso Bouçada	Cataguases	01
Augusto Nunes Tassara	Mirai	01
Augusto Carlos de Abreu	Laranjal	02
Augusto Antônio Pereira	Laranjal	03
Agostinho Vieira Rodrigues	Itamaraty	01
Arthur Napoleão de Araújo Porto	Itamaraty	02
Dr. Astolpho Dutra Nicácio	Cataguases	08
Astolpho Moreira de Rezende	Mirai	03
Aristides Henriques de Araújo Porto	Itamaraty	02
Aristides Alves Ferreira	Mirai	02
Altino Paulino de Araújo Porto	Itamaraty	02
Abeillard Pereira Paiva	Mirai	02
Abeillard G. Freire de Aguiar	Capital Federal	10
Avelino G. Filgueiras	Mirai	10
D. Anna Augusta Lobo de Rezende	Mirai	02
Azarias Vieira de Rezende	Mirai	03
Alexandre Róiz Barroca	Laranjal	02
Alexandre Chaves	João Pinheiro	05
Araújo e irmão	João Pinheiro	10
Aureliano Jº de Menezes	Porto de Santo Antônio	05
Antônio Januário M. Camº	Cataguases	10
Antônio Augusto do Carmo	Cataguases	01
Antônio Bento Peixoto de Oliveira	Cataguases	02
Antônio de Freitas Netto	Cataguases	01
Antônio Balbino de Lima	Mirai	02
Antônio Lobo de Rezende	Mirai	05
Antônio Moreira de Rezende	Mirai	02
Antônio de Souza Lima	Mirai	01
Antônio da Silva	Mirai	02
Antônio Nello Rodrigues	Mirai	05
Antônio Pereira de Souza	Mirai	02
Antônio Róiz Coelho	Laranjal	01
Antônio de Souza Roza	Laranjal	03

Antônio Pereira Lopes Guimarães	João Pinheiro	10
Antônio Teixeira Marinho	Sereno	05
Antônio B. de Oliveira	Laranjal	05
Boaventura José Abritta	Cataguarino	01
Bento Correa de Araújo	Mirai	05
Carlos de Rezende Vieira	João Pinheiro	03
Candico Romualdo Sobreiro	Cataguases	02
Carvalho Hump <sup>o</sup>	B. Camargo	10
Cosme Martins Bastos	Cataguarino	03
Camillo Guedes de Carvalho	João Pinheiro	02
Chicre Murge	Mirai	03
Cunha Reis Hump <sup>o</sup>	Sereno	05
Deoriano Guimarães	Juiz de Fora	05
Domingos Leite Machado	Laranjal	05
Dioscorides Barroso	Mirai	02
D. Elisa J. A. de Castro Monteiro	Aracaty	05
Elias Antônio	Mirai	01
Eliziário Ribeiro de Rezende	Mirai	05
Eduardo Leite Machado	Laranjal	02
Feliciano Dutra Nicácio	Sereno	03
Fernando Augusto Cardoso	Mirai	05
Francisco José de Mello	Cataguases	02
Dr. Francisco José Cardoso Jr.	Cataguases	05
Francisco Xavier Sobreiro	Cataguases	02
Francisco Xavier de Souza Jr.	Cataguases	02
Francisco Rodrigues de Almeida	Aracaty	02
Francisco José de Miranda	Itamaraty	02
Padre Francisco dos Santos Silva	Porto de Santo Antônio	10
Francisco Henriques Fernandes	Mirai	03
Francisco Anastásio de Oliveira	Mirai	03
Francisco Theophilo da Silva	Mirai	03
Francisco Pinto Seidl	Laranjal – Capital Federal	05
Dr. Francisco Januário da Gama Fernandes	João Pinheiro	05
Gorgonio Marcellino Ferreira	Cataguases	05
D. Graziella de Azevedo	Cataguases	02

Gustavo de Rezende Costa	Mirai	01
Gumerindo Proba	Mirai	03
Dr. Heitor de Souza	Cataguases	10
Jacob Landes	Cataguases	01
Januário Antônio Martins	Cataguases	02
D. Judith de Azevedo	Cataguases	02
Jacinto Soares da Silveira	Cataguases	10
Jacinto José da Costa	Laranjal	03
Jeronymo Duarte Ferreira	Cataguases	03
Júlio César Monteiro de Barros	Laranjal	05
Jorge João e irmão	Cataguases	01
João Christovão Álvares	João Pinheiro	03
João Bento Peixoto	Cataguases	02
Dr. João Francisco de Souza	Souza Aguiar	05
João Antônio Barata Diniz	Sereno	05
João Pereira de Barros	B. Camargos	03
Dr. João Marcolino Fragoso	Mirai	05
João Décimo Fassara	Mirai	01
João Dias de Souza	Cataguases	01
Joaquim Roberto da Fonseca	B. Camargos	02
Joaquim de Barros Conceição	Cataguases	05
Joaquim Vicente de Souza	Cataguases	01
Joaquim Dutra de Rezende	Sereno – Glória	05
Joaquim Gomes de Araújo Porto	xxxxxxxx	80
Joaquim Tavares Neponuceno	Itamaraty	10
Joaquim Xavier Lopes Cançado	Mirai	05
Joaquim Vieira da Silva Rezende	Mirai	05
Joaquim Jacinto Soares da Silveira	Laranjal	05
Joaquim Antônio Bento	João Pinheiro	10
José Barboza de Castro e Silva	Palma	10
José Bento Peixoto	Cataguases	02
José Bento Rodrigues	Cataguases	05
José Floriano da Silva	D. Euzébia	01
José Antônio de Melo	Cataguases	02
José Pereira da Silva Barros	Cataguases	05
José Antônio da Silva Souto	Sereno	10



José Fabiano de Souza	Cataguarino	02
José Caetano da Costa	Cataguases	05
José Andrade	Itamaraty	01
José Ferrão de Melo	Mirai	05
José Alves de Souza	Mirai	07
José Jorge	Mirai	01
José Narcizo de Abreu Soares	Mirai	05
José Victorino Nunes	Laranjal	05
José Moreira da Fonseca Netto	Laranjal	10
José Rodrigues Mendes	Laranjal	02
José Roberto Vieira	xxxxxxxxx	02
Luiz do Carmo Rocha	Cataguases	01
Luiz da Rocha Brandão	Capital Federal	05
Luiz Augusto do Carmo	Cataguases	01
Luiz Chaves	Mirai	05
Luiz do Carmo e Souza	Itamaraty	08
Laurindo Rodrigues Martins	João Pinheiro	02
Leonel Henriques Porto	Mirai	02
Leonardo Furtado Costa	Itamaraty	10
D. Luzia Pereira	Laranjal	02
D. Maria Lydia de Azevedo	Cataguases	02
Mário A. de Saldanha da Gama	Cataguases	03
Mariano José de Souza	Rio Branco	03
D. Mariana de Jesus Costa	Mirai	03
Marciano Lopes do Nascimento	Cataguarino	01
Marcellino Francisco da Costa	Sereno	05
Manoel Joaquim Pereira	B. Camargos	04
Manoel Cleto da Rocha	Cataguases	05
Manoel Hespanhol	Mirai	01
Manoel Rodrigues da Fonseca	Mirai	02
Manoel Henriques J. Costa	Porto de Santo Antônio	20
Narcizo Antônio Pereira	Laranjal	01
Ozório Santos	Mirai	05
Odorico Dutra Nicácio	Mirai	02
Pedro Antônio Furtado	Itamaraty	05
Pedro Furtado Vieira	Itamaraty	01
Pedro Maria Tiradentes Chaves	Mirai	01
Passos e irmão	Cataguases	01
Paulo Fritz	Laranjal	02
Paulino da Silva Cruz	João Pinheiro	02

Paschoal Vieira	Laranjal	05
D. Ruth S. de Azevedo	Cataguases	02
Rozario Thomazinho	Laranjal	05
Santos Júnior H.	Cataguases	13
Quintino Benjamim H.	Capital Federal	15
Sandoval S. de Azevedo	Cataguases	02
Saturnino Moreira de Rezende	Mirai	02
Saturnino Portela	Mirai	05
Tancredo Chaves de Rezende	Mirai	01
Urbano José Alves da Cunha	Cataguarino	02
Vicente Ene	Cataguases	02
Vicente Peixoto de Melo	Mirai	03
Victorino Nunes	Laranjal	10
Virtulino da Rocha Fernandes	Cataguases	01
D. Aura Lacerda	Itamaraty	20
Alfredo Fabrino de Oliveira	Cataguases	01
Antônio Novaes Jr.	Itamaraty	03

Lista dos acionistas feitas por Maurício E. Murgel, em 25 de janeiro de 1910,  
 Fonte: Processo CAT-2-CV-14122 de 1910, arquivado no CDH de Cataguases.

## Anexo 10



Fonte: Processo Civil BR-CAT-3-CV-2903, arquivado no CDH de Cataguases

**Anexo 11**

Fonte: Sala de Exposição do Instituto Francisca de Souza Peixoto em Cataguases – Minas Gerais  
Foto tirada em 23 de julho de 2008 pela autora.

Equipamento Tear de Lançadeira (revólver) fabricado na Inglaterra em 1945 pela Butherworth e Dickinson Ltda com capacidade de 160 R.P.M./largura 40''/tecidos de 0,80 cm de largura.

## Anexo 12

Quadro de identificação das características dos depoentes

<b>Nº da Entrevista e nomes</b>	<b>Ano do nasc. do depoente</b>	<b>Moradia ant. à sua chegada na cidade</b>	<b>Ativ. Do pai do depoente</b>	<b>Profissão do depoente</b>	<b>Grau de escolaridade do depoente</b>
001 José Honório da Silva	1914	Fazenda Manoel Vieira de Queiroz – Município de Ubá - MG	lavrador	Operário de serviços gerais	3ª série primária
002 Lecília Torres Araújo	1925	Santana de Cataguases	Lavrador	Operária	4ª série primária
003 Maria Mendes Neto	1924	Distrito de Leopoldina	lavrador	fiandeira	Não estudou
004 Terezinha França de Oliveira	1931	Fazenda da Laura	sitiante	tecelã	3ª série primária
005 Eny Dalforme de Souza	1924	Sinimbu	pedreiro	tecelã	4ª série primária
006 Edgard Mendes da Silva	1933	Piacatuba	Ajudante pedreiro	encarregado	1ª série primária
007 Eni de Almeida Correa	1933	Cataguases	xxxxxx	Mestre de tecelã	6ª série do ginásio
008 Altina da Silva e Silva	1947	Cataguases	Ajudante pedreiro	fiandeira	4ª série primária
009 Terezinha da Silva Machado	1930	Fazenda dos Neves – perto de Piacatuba	lavrador	tecelã	2ª série primária
010 Idimar Vilela	1934	Fazenda Aurora – Município de Leopoldina	carpinteiro	operário	4ª série primária

011 Esperança Maria de Assis	1915	Barão de Camargo	carpinteiro	tecelã	2ª série primária
012 Zuleica Loures de Souza	1930	Cataguases	barbeiro	Carregadeira de espula	4ª série primária
013 Francisco de Assis Rodrigues	1939	Cataguases	operário	Serviços gerais e depois contramestre	Ginásio completo
014 Isarina Alves Teixeira	1912	Itamaraty de Minas	lavrador	tecelã	4ª série primária
015 Maria Aparecida Silvério	1930	Cataguases	retireiro	filatório	Não estudou
016 Corina Silvério Dias	1927	Cataguases	lavrador	fiandeira	Não estudou
017 Irene Mendes Lopes	1927	Piacatuba	lavrador	tecelã	1ª série primária
018 Haydee Marques da Silva	1918	Cataguases	Funcionário na fábrica macarrão	aprendiz	4ª série primária
019 Leda de Souza Ribeiro	1942	Silveira Carvalho – Palma MG	lavrador	fiandeira	4ª série primária
020 Ivone de Souza	1929	Silveira carvalho – Palma MG	lavrador	fiandeira	3ª série primária
021 Manoel Ventureli Margato	1927	Santana de Cataguases	lavrador	contramestre	4ª série primária
022 João Carlos de Oliveira	1943	Cataguases	barbeiro	Serviços gerais – departamento de pessoal	Técnico de contabilidade

023 Geralda Ramos Forte	1928	Cataguases	lavrador	espula	1ª série primária
024 Ruth Alves Lacerda	1926	Boa Família - Mirai	lavrador	tecelã	1ª série primária
025 Augusta Ramos Rocha	1934	Guidoval	lavrador	massaroqueira	4ª série primária
026 Maria Magalhães Almeida	1935	Fazenda da Neblina- Serenó	lavrador	tecelã	4ª série primária
027 Maria José Monteiro	1932	Ribeiro Junqueira	carpinteiro	tecelã	2ª série primária
028 Lurdes Magalhães	1932	Cataguases	tipógrafo	tecelã	4ª série primária
029 Terezinha Campos Lessa	1929	Cataguases	lavrador	Aprendiz de tecelagem	4ª série primária
030 Terezinha Mendes do Carmo	1933	Piacatuba	lavrador	tecelã	4ª série primária
031 Alaíde Gonçalves Pereira	1935	Cataguarino	lavrador	Fiador noturno	4ª série primária
032 Geralda de Oliveira	1930	Cataguases	carreiro	tecelã	3ª série primária
033 Cirene Rodrigues dos Santos	1929	Cataguases	Carreiro	tecelã	3ª série primária
034 Guiomar Gonçalves Andrade	1916	Cataguases	Consertava harmônica	tecelã	1ª série primária
035 José Lomeu	1912	Serra da Onça	lavrador	penteadeira	Primário incompleto

036 Pedro Lomeu	1921	Serra da Onça	lavrador	massaroqueira	Primário incompleto
037 Francisco Lomeu de Carvalho	1933	Serra da Onça	lavrador	tecelão	Primário incompleto
038 Joaquim Alves Moreira	1921	Itamaraty de Minas	lavrador	filatório	Primário completo
039 Madalena Peres Moreira	1925	Barão de Camargo	lavrador	tecelã	4ª série primária

Fonte: Entrevistas realizadas pela autora – arquivadas no CDH de Cataguases



## Anexo 13

### Cessão de Direitos

#### **Autorização de uso de imagem, som de voz, nome e dados biográficos em obras de preservação histórica.**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor obras diversas de preservação histórica que venham a ser planejadas ou produzidas pelo CDH (Centro de Documentação Histórica), localizado na cidade de Cataguases, com sede à Praça Manoel Inácio Peixoto e que sejam destinadas à divulgação ao público em geral ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, revistas, jornal, outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, TV, entre outros), internet, banco de dados, divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo histórico, sem qualquer ônus a qualquer instituição que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória histórica, em todo território nacional e internacional.

As obras que utilizarem as imagens, sons, nomes e dados biográficos, objetos da presente autorização, poderão ser disponibilizadas a exclusivo critério e autorização do CDH. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem, som e ou qualquer outro, e assino a presente autorização.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 200\_\_.

---

Assinatura

## Anexo 14

## Ficha de Cadastro

Código do Depoimento:
-----------------------

FOTO
------

Informações Essenciais	Nome:	Sexo: F ( ) M ( )
	Endereço:	
	CEP:	Telefone:
	<u>Data de Nascimento:</u>	
	Local de Nascimento: (cidade, estado, país).	
Informações Complementares	Nome do Pai:	Atividade:
	Nome da Mãe:	Atividade:
	Filhos: Sim ( ) Não ( )	Quantos? ( )
	Cor/Raça: Branco( ) Negro( ) Indígena( )	Religião:
	Escolaridade:	Profissão:
	Imigrante: Sim( ) Não( )	
Sobre a Coleta de Dados	Entrevista gravada em: Áudio( ) Vídeo( )	
	Formato: CD( ) MD( ) MiniDV( ) VHS( ) Cassete( )	
	Local	da Entrevista:
	Data:	
	Entrevistador:	
	Duração:	
	Direcionado à:	
	OBS:	

## Anexo 15

## Ficha de Catalogação de Fotografias

Código da Foto:
-----------------

<b>FOTO</b>
-------------

Possuidor:	
Local da Foto:	Data:
Nome(s) do(s) Personagem(s):	
Fotografada em: (cidade, estado, país).	
Histórico:	
OBS:	
Descrição:	
Colorida ( )	PB( )
Localização no acervo:	
Pesquisador:	
Direcionada ao trabalho:	

**Anexo 16****Ficha de Transcrição do Depoimento**

Código do Depoimento:
-----------------------

Palavra – Chave:
------------------

Depoimento:
-------------

**Anexo 17**

Alguns dos participantes do Primeiro Encontro dos Moradores do Bairro Jardim de Cataguases.  
Fonte: Foto tirada pela família Lomeu em 24 de maio de 2008.

**Anexo 18**

Fotos que fizeram parte do mural no Primeiro Encontro dos Moradores do Bairro Jardim.  
Fonte: Álbuns de família.


## Anexo 19




Fonte: Foto tirada pela autora, no Primeiro Encontro dos Moradores do Bairro Jardim de Cataguases, no dia 24 de março de 2008, no espaço ART CIC, em Cataguases. Da esquerda para a direita: Joaquim, José Lomeu, Pedro Lomeu e Francisco Lomeu.

## Anexo 20

**República dos Estados Unidos do Brasil**

Distrito da Cidade  Comarca de Cataguases

Estado de Minas Gerais



**CERTIDÃO DE NASCIMENTO**

**ALFREDO JOSÉ SOARES**, Escrivão de Paz e Oficial do Registro Civil do Distrito da cidade de Cataguases, Estado de Minas Gerais, na forma da lei, etc.

**CERTIFICO** que revendo em meu cartório o livro n. 55 do Registro de Nascimentos, não o fls. 117 consta ter, no dia 13 de fevereiro de mil novecentos e vinte e sete à — horas d — nascido na cidade de Cataguases distrito uma criança do sexo feminino que foi registrada com o nome de Alfreda José Soares filha de

Natural de —  
e de Pa Maria Gomes  
Natural de Barbacena

sendo seus avós paternos: —

e avós maternos: Ignorados  
Pau fern de trabalho

O referido é verdade e dou fé, reportando-me ao livro de folhas supra referidas em meu poder e cartório.

Cartório de Paz do distrito da cidade de Cataguases, 3 de Maio de 1927


O Oficial do Registro Civil  
Alfredo José Soares


Fonte: Documentos da Indústria Irmãos Peixoto arquivados no CDH de Cataguases.



## Anexo 21

**República dos Estados Unidos do Brasil**

Distrito da Cidade  Comarca de Cataguases

ESTADO DE MINAS GERAIS 

## Certidão de Nascimento

ALFREDO JOSÉ SOARES, Escrivão de Paz e Oficial do Registro Civil do Distrito da Cidade de Cataguases, Estado de Minas Gerais, na forma da lei, etc.

CERTIFICO que revendo em meu cartório o livro n. 54, do Registro Civil de Nascimento, nele, a fls. 18<sup>v</sup>, consta ter no dia dezoito de junho de mil novecentos e quarenta e seis, 1946 às 14 horas d. -, nascido neste distrito uma criança do sexo masculino que foi registrada com o nome de Genival Bagno filho legítimo de Pedro Bagno Junir natural de - e de Joana Guilomar Neto Bagno natural de Graciosa.

seus avós paternos: Pedro Bagno e Maria da Conceição Bagno e matriernos: Arvelino Cordeiro Neto e Francisco Lopes do Amaral.

Para fim escolar.

O referido é verdade e dou fé, reportando-me ao livro de folhas supra referida. em meu poder e cartório.

Cartório de Paz do distrito da cidade de Cataguases, 28 de junho de 1952.

O Oficial do Registro Civil  
Alfredo José Soares

Fonte: Documentos da Indústria Irmãos Peixoto arquivados no CDH de Cataguases.

Anexo 22



Fonte: Carteira de Trabalho entregue e autorizada pelo entrevistado Edgar Mendes da Silva

## Anexo 23


11

Excmo Sr. 2º Delegado de Polícia.

N. R. Venham - me encaminha  
 Cataguases - 21-11-929  
 Faria Lemos.

Em observância ao artigo 48  
 do Decreto Federal numero 18498 de 12  
 de Março de 1919, sou o abaixo ass-  
 signado apresentando em cartório as  
 declarações escriptas, juntando tambem  
 o accôrdo firmado por Sebastião de  
 Sá e sua mulher, herdeiros ne-  
 cessarios de sua filha Paulita de Sa-  
 na e os proprietarios do Fidejussor  
 de Fidejussor de Fidejussor de Fidejussor e  
 o jornal local "O Município" onde se  
 lê o aprelhecimento da Fundação de  
 Deputado.

Cataguases, 21 de Dezembro de 1925



Faria Lemos

Fonte: Processo civil CAT 2-CV-14121 de 1923, página 11, arquivado no CDH de Cataguases

## Anexo 24

**Secção livre**

**Agradecimento**

Sebastião Norberto de Paiva e sua humilde familia, na classe de humildes operarios, (que somos) não podendo pagar com bens deste mundo as finezas que pela occasião da despedida da sua querida e idolatrada filha, Zolita de Paiva, deste para outro planeta vêm por meio deste agradecer as pessoas dos srs. Irmãos Peixoto e sua exma. familia pela honra concedida; e atodos que tiveram e mostrarão provas de amisade a sua filha, offerecendo-lhe as corôas, em lembrança ou symbolo de simpathia; por isso mesmo cortado o coração pela dor da pertubação dor esta que não se poderá extinguir lança mão de sua penna para que chegue ao conhecimento de todos, e a todos os que acompanharão o feretro até o cimiterio. Ao sr. Altamiro Peixoto pela compaixão que teve de auxiliar-me em minha viagem de Mirahy a esta cidade conduzindo-me em seu automovel e mais seus companheiros dando-me assim um descanso de 3 leguas de viagem assim foi poupado Agradeço a todas as pessoas que me hão de desculpar as fraquezas.

Somos grattos  
*Paiva e Familia*

Fonte: Processo Civil – CAT 2- CV 14121 de 1923, arquivado no CDH de Cataguases.

**Anexo 25**

Fonte: Foto da Banda Musical dos operários de Cataguases. Ao centro a operária Maria Magalhães Pereira eleita Rainha dos Operários no dia 28 de Janeiro de 1945, pela Indústria Irmãos Peixoto, aos seus 19 anos de idade. Foto arquivada no CDH de Cataguases.

## Anexo 26

## Campanha Operário Padrão de 1973

Eleita - Terezinha Campos Lessa

A Campanha Operário Padrão, realizada todos os anos sob o patrocínio do SESI, em colaboração com o jornal "O GLOBO", tem como objetivo premiar aqueles que, pela sua constante dedicação ao trabalho, assiduidade, índice elevado de companheirismo, moral fora do trabalho, em relação à família, à comunidade e à Pátria, tornaram-se merecedor do reconhecimento público.

Cataguases está de parabéns pela escolha de TEREZINHA CAMPOS LESSA, para representar nossa cidade na Campanha Operário Padrão 1973.

Operária da Indústria Irmãos Peixoto, supervisiona 305 máquinas e, dentro dessa empresa, sempre se destacou por sua capacidade profissional, dedicação ao trabalho e qualidades de companheirismo.

Terezinha seguiu dia 22 p. p. p. para Belo Horizonte, ficando hospedada na Colônia de Férias do Clube do Trabalhador "Francisco Netto Mota", em Betim.

Além do programa oficial de entrevistas com a Comissão julgadora, a representante de nossa cidade cumpriu um calendário de recreações sociais e esportivas, passeios turísticos, incluindo o jogo no Mineirão.

Parabéns Indústrias Irmãos Peixoto por esta feliz escolha!

Fonte: Recorte de jornal guardado pela ex-operária, Terezinha Campos Lessa.  
A entrevistada não soube dizer qual o jornal continha esta matéria.

**Anexo 27**

Fonte: Foto do arquivo pessoal de Terezinha Campos Lessa. A entrevistada não colocou data na foto.

## Anexo 28



Fonte: Fotos do arquivo pessoal de Terezinha Campos Lessa.  
A entrevistada não datou suas fotos.



**Anexo 29**

Fonte: Foto do arquivo pessoal de Haydee Marques, segunda operária padrão de Cataguases, recebendo sua comemoração e honra no Clube do Remo em Cataguases. A ex-operária não datou esta foto.

## FONTES

### PUBLICAÇÕES DE RECENSEAMENTOS

- Recenseamentos Gerais do Brasil no século XIX – 1872 e 1890 – CR-DOM.
- Estatísticas do século XX – IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2007 – DVD-ROM.
- Livro de Recenseamento Cataguases 1920 por Pedro Dutra Nicácio Neto transcrito por sua esposa Flávia Fernandes Dutra, CDH-Centro de Documentação Histórica de Cataguases.
- IEF – Instituto Estadual de Florestas – Grupamento de Polícia Florestal 1982 – Agência do IBGE em Cataguases.

### MONOGRAFIAS E DISSERTAÇÕES

- CARRARA, Ângelo Alves, *Estruturas Agrárias e Capitalismo: contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na Zona da Mata Mineira (século XVIII e XIX)*, Núcleo de História Econômica e Demográfica da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 1999.
- CROCE, Marcus Antônio, *O encilhamento e a economia de Juiz de Fora, o balanço de uma conjuntura (1888-1898)*, dissertação de mestrado pela Universidade Federal Fluminense, 2006.
- FANNI, Silvana Oliveira, *Conquistando liberdade: de escravos e libertos*, dissertação de mestrado em História da Universidade Severino Sombra, 2006.
- GIROLETTI, Domingos Antônio, *Industrialização de Juiz de Fora, 1850 a 1930*, dissertação de mestrado da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 1974.
- HENRIQUE, Alen Batista, *Epidemias e urbanização: surtos de febre amarela na Cataguases oitocentista*, dissertação de mestrado da UFRJ, 2005.
- NETTO, Marcos Mergarejo, *Cultura e Espaço em Cataguases*, monografia apresentada a Área de Concentração: Geografia Humana e Social da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- PIRES, Anderson, *Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora*, dissertação de mestrado pela Universidade Federal Fluminense, UFF, Rio de Janeiro, 1993.

- SILVA, Lucilene Nunes, *As condições de saúde do operário têxtil na Zona da Mata Mineira, 1941 – Cataguases*, dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Ciências da Saúde Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva e Faculdade de Medicina, Rio de Janeiro, 2005.

## PROCESSOS

(Centro de Documentação Histórica de Cataguases – Instituto Francisca de Souza Peixoto – CDH)

### Criminal

- Processo Crime, 1929. BR-CAT-1-CR-3918.
- Processo Crime, 1933. BR-CAT-1-CR-2634.

### Civil

- Processo Civil, 1932. BR-CAT-3-CV-2903
- Processo Civil, 1910. BR-CAT-2-CV-14122.
- Processo Civil, 1923. BR-CAT-2-CV-14121.
- Processo Civil, 1937. BR-CAT-1-CV-3088.
- Processo Civil, 1961. BR-CAT-1-CV-5377.

## SITES

- [www.estaçõesferroviarias.com.br](http://www.estaçõesferroviarias.com.br) acessado em 15 de outubro de 2007.
- [www.cataguases.com.br](http://www.cataguases.com.br) acessado em 01 de julho de 2008.

## JORNAL

- Jornal Cataguases de 09 de maio de 1914.
- Jornal Cataguases de 21 de julho de 1929, folha nº 1.
- Jornal Cataguases de 28 de fevereiro de 1954.
- Jornal Bonifácio de 20 de janeiro de 1887, CD-ROM.
- Jornal Gazeta de Leopoldina de 20 de dezembro de 1903, folha 01.
- Jornal O Bilontra de 23 de abril de 1885, nº. 1, ano 1, Biblioteca do Rio de Janeiro – CD-ROM.

## OUTRAS FONTES

- Fichas de admissão e demissão de funcionários da Cia. Fiação e Tecelagem de Cataguases arquivadas no Centro de Documentação Histórica - CDH de Cataguases.
- Entrevistas realizadas com ex-operários de Cataguases, arquivadas no Centro de Documentação Histórica de Cataguases – CDH; elaboradas e concluídas pela autora.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Mariana C.G.C. de; OLIVEIRA, Marcos V.F. de; LAMAS, Fernando Gaudereto, *100 anos de luz – Cia Força e Luz Cataguases-Leopoldina*, Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, Pancrom Gráfica, 2006, p. 29.
- BARROS, José D’Assumpção, *O Campo Histórico*, Celta, Rio de Janeiro, 2002.
- BATALHA, Cláudio H. M., “*Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária*”, Cadernos AEL, vol.6, nº10/11, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, T.A. Queiroz, São Paulo, 1987.
- Breve História – Companhia Industrial de Cataguases, <http://www.Cataguases.com.br>, acessada em 22 de abril de 2006.
- BURKE, Peter, *O que é História Cultural*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Souza, *Agricultura, escravidão e capitalismo*, Editora Vozes, Petrópolis, 1982.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Souza; BRIGNOLI, Héctor Pérez, *Os métodos da história*, Graal, Rio de Janeiro, 1983.
- CARONE, Edgard, *O pensamento industrial no Brasil (1880-1945)*, Corpo e Alma do Brasil, Editora Difel 1977.
- CHALHOUB, Sidney, *A enxada e o guarda-chuva: a luta pela libertação dos escravos e a formação da classe trabalhadora no Brasil*, trabalho escrito para ser apresentado no XXI Simpósio da Associação Nacional de História (ANPUH), Niterói, julho de 2001.
- COLBARI, Antonia. Familismo e Ética do trabalho: O Legado dos imigrantes italianos para a cultura brasileira, Rev. Bras. His. V.17 n.34, São Paulo, 1997.

- COSTA, Levy Simões da. *Cataguases Centenária*, Esdeva Empresa Gráfica, Juiz de Fora, 1ª edição, 1977.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos, *Quase-Cidadão. Histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*, Editora FGV, 1ª edição, Rio de Janeiro, 2007.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo, *Indústria, trabalho e cotidiano, Brasil – 1889 a 1930*, Atual Editora, São Paulo, 1991.
- DESSOTTI, Izabel Cristina Caetano, *Trajetória da Luta operária em Sorocaba: greve 1917*, Artigo publicado na edição 13º de agosto de 2006.
- DINIZ, Eli, *Empresário, Estado e Capitalismo no Brasil: 1930-1945 Paz e Terra*, s.d.
- DEAN Warren, *A Industrialização em São Paulo*, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971.
- FALCON, Francisco, *História Cultural – Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*, Editora Campus, Rio de Janeiro, 2002.
- FRAGOSO, João Luiz, *O Império Escravista e a República dos Plantadores*, retirada de *História Geral do Brasil*, Editora Campus, 9ª edição, s.d.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho, *Homens livres na ordem escravocrata*, São Paulo, Kairós livraria Editora, s.d.
- FREITAS, Marcos Cezar de, *Da Micro-História a História das Idéias*, Editora Cortez, São Paulo, 1999.
- FURTADO, Celso, *Formação econômica do Brasil*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 2004.
- GARRIDO, Joan Del Alcàzar i, *As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate*, *Memória, história, historiografia - dossiê ensino de história – Revista Brasileira de História*, Anpuh, Editora Marco Zero, São Paulo, nº 25/26, 2004, p.36.
- GINZBURG, Carlo, *O Queijo e os Vermes*, Companhia de Bolso, São Paulo, 2006.
- GOMBRICH, E. H., *Para uma História Cultural*, Gradiva, Lisboa, 1994.
- GOMES, Ângela de Castro, *A Invenção do Trabalhismo*, IUPERJ, Rio de Janeiro, 1988.
- GORENDER, Jacob, *O Escravismo Colonial*, Editora Ática, São Paulo, 1998.
- GORENDER, Jacob, *Escravidão Reabilitada*, Editora Ática, São Paulo, 1991.

- HISTÓRIA FALADA: rede e mudança social/ Coordenadores Karen Worcman e Jesus Vasquez Pereira. - São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- JÚNIOR, Antônio Francisco Bandeira, *A indústria de São Paulo em 1901*, Centro Industrial do Brasil, Comissão D'Expansão Econômica do Brasil, O Brasil, vol. III.
- KOWARICK, Lúcio, *Trabalho e vadiagem - a origem do trabalho livre no Brasil*, Paz e Terra, São Paulo, 1994.
- LEME, Marisa Saenz, *A ideologia dos industriais brasileiros – 1919-1945*, Vozes, Petrópolis, 1978.
- LIBBY, Douglas Cole, *Trabalho Escravo e Capital Estrangeiro no Brasil – O caso do Morro Velho*, Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, 1988.
- LIMA, Henrique Espada, *A Micro História Italiana*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2006.
- LOPES, José Sérgio Leite, *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*, Editora Marco Zero, São Paulo, 1988.
- MALERBA, Jurandir, *A Velha História-Teoria, Método e Historiografia*, Editora Papyrus, São Paulo, 1996.
- MELLO E SOUZA, Laura de, *Desclassificados do ouro: pobreza mineira no século XVIII*, Graal, Rio de Janeiro, 1986.
- MONTEIRO, Hamilton de Mattos, “*Da República Velha ao Estado Novo*” in *História Geral do Brasil*, Editora Campus, 9ª edição, Rio de Janeiro, 1990.
- MORAES, José Geraldo V. de, *Cidade e Cultura urbana na Primeira República*, Atual Editora, 3ª edição, s.d.
- MOREIRA, Rosalina Pinto, *Imigrantes... Reverência – Italianos na Colônia “Santa Maria”*, Editora - O Lutador, Belo Horizonte, 1999.
- MOURA, Denise Aparecida Soares de, *Andantes de novos rumos: a vinda de migrantes cearenses para fazendas de café Paulistas em 1878*, Rev. Bras. Hist. V. 17 n. 34, São Paulo, 1997.
- PERROT, Michelle, *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*, Editora Paz e Terra, São Paulo, 2006.
- PESSOA, Reynaldo Xavier Carneiro, *Tema de ciências Humanas*, “Manifesto da Associação Industrial (1881)”, nº1, Editorial Grijalbo, São Paulo, 1977.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio, *História Geral da Civilização Brasileira – III O Brasil Republicano 2 sociedade e instituições (1889-1930)*, Difel/Difusão Editorial s.d.

- PIRES, Anderson, *A industrialização de Juiz de Fora*, in: Revista Científica da Faminas, vol.1, nº2, maio-agosto, Muriaé, EDFAMINAS, 2005, p.28.
- QUEIROZ, Suely Robles Reis de, *Escravidão Negra em debate*. In: FREITAS, Marcos Cezar, *Historiografia Brasileira em Perspectiva*, Contexto, São Paulo, 1988.
- ROJAS, Carlos A. e MALERBA, Jurandir, *Historiografia Contemporânea em perspectiva crítica*, Tese sobre o itinerário da historiografia do século XX – Carlos Antônio Aguirre Rojas – Capítulo I, Bamu, SP EDUSC, 2007.
- SALLES, Iraci Galvão. *Representações do Mundo do Trabalho: São Paulo-1890/1910*, Revista de História – História e Perspectivas, Uberlândia, Editora UFU, 12/12: 149-174 Jan. /Dez.1995.
- SILVA, Arthur Vieira de Rezende e, *Genealogia dos fundadores de Cataguases*, Editor A. Coelho Branco, Rio de Janeiro, 1934.
- SILVA, Artur Vieira de Resende, *O município de Cataguases*, Imprensa Oficial, 1908.
- SILVA, Sérgio, *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*, Editora Alfa Omega, São Paulo, 1976.
- SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira: Origem e Desenvolvimento*, Editora Hucttec – Editora da Unicamp, 2000.
- THOMPSON, E.P., *A Formação da Classe Operária Inglesa I*, Editora Paz e Terra, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1987.
- VAINFAS, Ronaldo, *Os Protagonistas da História*, Editora Campus, Rio de Janeiro, 2002.